

Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Centro de Filosofia e Ciências Humanas  
Escola de Comunicação

**A EVOLUÇÃO DA CRÔNICA ESPORTIVA  
NOS JORNAIS BRASILEIROS**

Luciano Mello de Vasconcelos

Rio de Janeiro, dezembro de 2006

Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Centro de Filosofia e Ciências Humanas  
Escola de Comunicação

**A EVOLUÇÃO DA CRÔNICA ESPORTIVA  
NOS JORNAIS BRASILEIROS**

Luciano Mello de Vasconcelos

**Monografia apresentada ao curso de graduação em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do bacharelado em Comunicação Social.**

**Orientador: Maurício Schleder**

Rio de Janeiro, dezembro de 2006

VASCONCELOS, Luciano Mello de.

A evolução da crônica esportiva nos jornais brasileiros / Luciano Mello de Vasconcelos. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO, 2006.

85 f.

Orientador: Maurício Schleder

Monografia – Universidade Federal do Rio de Janeiro, ECO, Habilitação em Jornalismo, 2006.

1. Jornalismo Esportivo. 2. Crônicas. 3. Futebol. 4. Copa do Mundo. I. Schleder, Maurício. II. UFRJ-ECO. III. Título.

## **A EVOLUÇÃO DA CRÔNICA ESPORTIVA NOS JORNAIS BRASILEIROS**

Luciano Mello de Vasconcelos

Monografia submetida ao corpo docente da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social. Habilitação em Jornalismo.

Aprovada por:

Professor: \_\_\_\_\_

Maurício Schleder - Orientador

Professor Doutor: \_\_\_\_\_  
Moha Hajji

Professor Doutor: \_\_\_\_\_  
Gabriel Collares

Rio de Janeiro, dezembro de 2006

### **AGRADECIMENTOS**

Ao meu pai e à minha mãe, pela formação que me deram.

À minha namorada, Marina, a pessoa mais especial que conheço.

Ao meu orientador, Maurício Schleder, pelo incentivo e pelas dicas.

Aos meus companheiros de redação em *O Dia*, pelas horas de conversa sobre o jornalismo esportivo e por me fazerem entender essa área.

Aos meus amigos da ECO, pelos inúmeros bons momentos nos últimos quatro anos.

## **RESUMO**

VASCONCELOS, Luciano Mello de. *A evolução da crônica esportiva nos jornais brasileiros*. Orientador: Prof. Maurício Schleder. Monografia (Jornalismo). Rio de Janeiro: UFRJ/ECO, 2006, 85 p.

O objetivo principal desta monografia é traçar um histórico da crônica esportiva nos jornais brasileiros, com foco nos textos sobre futebol, e analisar as transformações que ela sofreu nos últimos vinte anos, quando houve nítida mudança no estilo dos cronistas. O trabalho abordará as características únicas do noticiário de esportes, que lida com a paixão do leitor-torcedor. Depois de breve cronologia das trajetórias da crônica e do jornalismo esportivo no Brasil, a monografia mostra as diferenças entre os textos de antigamente e os da atualidade. Finalmente, há estudo de caso sobre a cobertura da seleção brasileira feita pela imprensa na Copa do Mundo de 2006.

## **SUMÁRIO**

### **1. INTRODUÇÃO**

### **2. A CRÔNICA BRASILEIRA: HISTÓRICO E CARACTERÍSTICAS**

- 2.1. Do folhetim fez-se a crônica
- 2.2. Um gênero menor?
- 2.3. Definições e características
- 2.4. Esporte: o cenário ideal

### **3. JORNALISMO ESPORTIVO: UM CAMINHO CHEIO DE OBSTÁCULOS**

- 3.1. O começo: futebol tem pouco espaço. Destaques são remo e turfe
- 3.2. A importância do Sul-Americano de 1919 e de Mário Filho
- 3.3. De 1950 a 1970: craques nos gramados e nas redações
- 3.4. O reino da objetividade
- 3.5. Década de 1990: as assessorias e o novo caderno da *Folha de S. Paulo*

### **4. A EMOÇÃO ENTRA EM CAMPO E NA REDAÇÃO: NELSON RODRIGUES, JOÃO SALDANHA E ARMANDO NOGUEIRA**

- 4.1. Um gênio a serviço do futebol
- 4.2. A fera das crônicas
  - 4.2.1. O técnico-jornalista à frente da Seleção
- 4.3. Um marquês ultra-romântico

### **5. A EMOÇÃO SAI DE CAMPO E DA REDAÇÃO: TOSTÃO, JUCA KFOURI E FERNANDO CALAZANS**

- 5.1. Craque e comentarista: “mais técnico do que poético”
- 5.2. Foco dentro ou fora do campo?
- 5.3. Um ranzinza em defesa do futebol limpo

### **6. DAS MESAS DE BAR ÀS ASSESSORIAS DE IMPRENSA. O QUE MUDOU NO DIA-A-DIA?**

- 6.1. Boemia, aqui me tens de regresso...
- 6.2. A profissionalização da burocracia

### **7. DA EUFORIA À CAÇA ÀS BRUXAS: A IMPRENSA E A SELEÇÃO BRASILEIRA NA COPA-2006**

- 7.1. As três semanas de preparação: elogios e polêmicas
- 7.2. A estréia ruim: surgem as críticas
- 7.3. A pressão por mudanças e a escalção do “time da imprensa”
- 7.4. O retorno à escalção inicial
- 7.5. A expectativa pela França
- 7.6. A derrota, os culpados e o novo complexo
- 7.7. Os desdobramentos do fracasso

## **8. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

## **BIBLIOGRAFIA**



## 1. INTRODUÇÃO

Desde que pus os pés pela primeira vez na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em março de 2003, sabia que minha monografia de final de curso seria relacionada a esportes, pois sempre fui apaixonado pelo tema, mas a escolha do caminho a ser seguido neste trabalho revelou-se mais difícil do que imaginava. Quando comecei a pensar seriamente na monografia, em julho deste ano de 2006, percebi que tinha seis ou sete enfoques possíveis. No dia 9 do mesmo mês, o Estádio Olímpico de Berlim sediou a final da Copa do Mundo, maior evento do futebol, entre Itália e França. Acompanhei com especial atenção a cobertura do Mundial na imprensa brasileira e, após a análise do que foi publicado, escolhi abordar as mudanças observadas na crônica esportiva desde seus primórdios no Brasil até hoje.

Durante a Copa, chamou-me a atenção a sisudez crescente dos cronistas contemporâneos. Lembrei do que ouvira sobre o jornalismo esportivo de antigamente e decidi estabelecer uma comparação entre a antiga e a nova crônica da área, com ênfase no futebol, esporte mais popular do Brasil. Ao longo da produção do trabalho, fiquei bastante satisfeito com a opção que fiz.

Outro motivo que me fez escolher esse tema foi a oportunidade de conhecer melhor os textos de craques da crônica do porte de Nelson Rodrigues e João Saldanha. Sempre ouvi maravilhas sobre esses jornalistas, mas só conhecia superficialmente seus textos. Tenho a impressão de que esse conhecimento que adquiri dos “clássicos” da crônica será fundamental ao longo da minha trajetória profissional.

Além disso, considero que chegou a hora de analisar os rumos que as editorias de esportes estão tomando. Essa área vivenciou mudança radical nos últimos trinta anos e há pouquíssimo material acadêmico sobre o assunto. Aliás, assusta-me o desinteresse da maior parte dos estudiosos de comunicação acerca do futebol, que tanto contribuiu para a formação da identidade nacional, como ensinou com brilhantismo Roberto DaMatta, uma das exceções à regra. Há quarenta anos, Nelson Rodrigues cunhou uma frase que, infelizmente, ainda é atual e deveria ser lembrada pelos comunicólogos deste país apaixonado pelo velho esporte bretão: “O intelectual brasileiro que ignora o futebol é um alienado de babar na gravata”.<sup>1</sup>

Inicialmente produzidas por geniais escritores, as crônicas esportivas se tornaram espaços nobres dos jornais e continuam a ocupar essa posição até hoje. Explicar todas as suas

---

<sup>1</sup> Rodrigues, N: 1993: p. 134

transformações ao longo do tempo seria entediante e contraproducente, por isso utilizei a seguinte metodologia: escolhi três cronistas consagrados nas décadas de 1960 e 1970 – Nelson Rodrigues, Armando Nogueira e João Saldanha – e outros três de destaque nas décadas de 1990 e 2000 – Fernando Calazans, Juca Kfoury e Tostão. Através da análise das crônicas desses seis jornalistas, pude mostrar as semelhanças e as diferenças entre o texto antigo e o novo, no que diz respeito à estrutura e à temática. Vale ressaltar que encontrei um todo coerente na produção de todos esses profissionais, o que prova sua competência. Cronista bom é aquele capaz de ser compreendido com perfeição mesmo quando seus textos não são analisados à luz do factual, do dia seguinte.

Nas poucas vezes em que é debatido, o tema causa discussões acaloradas. O veterano jornalista João Máximo lembra que, nos primórdios do noticiário esportivo no Brasil, já havia debates sobre a maneira correta de transmitir a informação aos leitores. Só a rivalidade era diferente: em vez de emoção x sisudez, o embate da época confrontava os jornalistas oriundos do rádio e os copidesques. João Máximo cita também polêmica frase do repórter e poeta Paulo Mendes Campos.

De um lado, ficavam os velhos redatores que defendiam a chamada linguagem radiofônica, copiada dos locutores de fala emproada e bombástica, falsamente criativa e freqüentemente grotesca. (...)

Felizmente, havia o outro lado, os copidesques que Nelson Rodrigues tanto abominava, por achá-los frios, incapazes de um ponto de exclamação. Mas eram necessários. (...) Já perdi a conta das vezes em que repeti uma frase de Paulo Mendes Campos: “A crônica esportiva ainda não fez a sua Semana de Arte Moderna”.<sup>2</sup>

E no que consistiria a Semana de Arte Moderna do jornalismo esportivo? Simplesmente em eliminar os velhos vícios da linguagem radiofônica sem cair na frieza dos copidesques. Parece fácil, mas milhares de jornalistas tentam produzir textos com essas características, e, até hoje, poucos conseguiram.

Para atingir meus objetivos em relação ao trabalho, dividi-o em seis capítulos. No primeiro, estudo a crônica em geral, seja ela esportiva ou não. Para isso, mostro como ela chegou ao Brasil e quais transformações sofreu neste país. Na parte seguinte, traço breve histórico do jornalismo esportivo no país, suas principais características e momentos. Depois de analisar a crônica e o jornalismo esportivo, parto para a análise do texto propriamente dito, com um

---

<sup>2</sup> Máximo, J *in* Calazans, F: 1998: p. 10

capítulo para o antigo e outro para o novo. É importante saber também como a alteração da postura dos jornalistas perante seu trabalho contribuiu para a mudança das crônicas – essa pesquisa é feita no capítulo seis e permite que se entendam também as críticas feitas à imprensa esportiva. Certa vez, Armando Nogueira expressou de maneira contundente sua opinião sobre o comportamento de alguns jornalistas: “Às vezes, tenho vergonha de pertencer a uma classe profissional empestada de abutres”.<sup>3</sup> Finalmente, encerro o trabalho com um estudo de caso que investiga o comportamento da crônica esportiva brasileira na Copa de 2006, na qual a seleção brasileira chegou rodeada de favoritismo e fracassou. Entendo que essa análise ajudará na compreensão dos vícios e das contradições da imprensa que lida com o futebol, paixão nacional.

Antes de começar a monografia, realizei longa pesquisa bibliográfica sobre o tema escolhido. O primeiro passo foi encontrar livros que reunissem a produção dos autores que escolhi para representar a crônica antiga. Como optei por três jornalistas consagrados, essa tarefa foi fácil. Para analisar os cronistas da atualidade, dispus do setor de pesquisa do jornal *O Dia*, que conta com arquivo dos principais jornais brasileiros, entre eles os que publicam textos dos profissionais que escolhi. Da mesma forma e no mesmo local, consegui reunir vasto material sobre a Copa do Mundo de 2006, para realizar de maneira satisfatória o estudo de caso sobre a competição. Também utilizei obras de autores da Comunicação Social para ajudar-me na produção. Não foram muitos, pois, como já foi dito aqui, os acadêmicos dessa área preferem direcionar seus estudos por outros caminhos. Ainda assim, encontrei conceitos úteis para minha monografia em livros de nomes consagrados como Mikhail Bakhtin e Walter Benjamin, além dos brasileiros Ronaldo Helal e Roberto DaMatta. Os estudos sobre análise de discursos do professor da ECO Milton Pinto – que contêm conceitos desenvolvidos por pensadores como Michel Foucault, Émile Benveniste e Norman Fairclough – também contribuíram para este trabalho.

Para encerrar esta introdução, é válido lembrar que tenho a pretensão de iniciar uma discussão, jamais de encerrar. Torço pelo surgimento de outros trabalhos de Comunicação com enfoque no jornalismo esportivo, essa importante e maltratada parte da imprensa brasileira. Além do interesse dos alunos, gostaria também de observar professores abordando o tema em suas classes, para que, através do debate, as editoriais de esportes tomem no futuro rumo que agrade aos leitores, sem perder a seriedade inerente à profissão.

---

<sup>3</sup> Nogueira, A: 2003: p. 53

## 2. A CRÔNICA BRASILEIRA: HISTÓRICO E CARACTERÍSTICAS

O objeto de estudo deste trabalho é a crônica esportiva. Mas, antes de entrar no assunto específico, cabe analisar tecnicamente a trajetória desse gênero literário no Brasil, antes de ser apropriado pelo jornalismo especializado em esportes. Por isso, este primeiro capítulo abordará o caminho percorrido pela crônica desde sua chegada a este país, na primeira metade do século XIX, até os tempos atuais.

Far-se-á também a análise das características da crônica na imprensa brasileira. O gênero nasceu na Europa, mas atingiu em cheio o gosto do leitor tupiniquim, como explica o crítico Antonio Candido. “No Brasil ela (a crônica) tem uma boa história, e até se poderia dizer que sob vários aspectos é um gênero brasileiro, pela naturalidade com que se aclimatou aqui e a originalidade com que aqui se desenvolveu”.<sup>4</sup>

Antes de abordar o gênero em si, cabe ressaltar que a palavra “crônica” tem sua origem no termo “chrónos”, do grego, que significa tempo. Esse radical pode ser visto em outras palavras da Língua Portuguesa, como cronômetro e cronologia. Assim, percebe-se de cara que a crônica é um gênero que guarda relação profunda com o tempo vivido e que ela se apresenta como “imagem de um tempo social” e “narrativa do cotidiano”.<sup>5</sup>

### 2.1. Do folhetim fez-se a crônica

Nos primeiros anos do século XIX, surgiu nova seção nos jornais de Paris. Tratava-se do *feuilleton*, publicado invariavelmente no rodapé da página. Com a intenção de destinar uma parte do jornal ao entretenimento, a novidade se transformou em sucesso. O espaço era democrático: piadas, charadas, receitas de cozinha, críticas de cinema, de teatro... Publicou-se tudo isso e mais um pouco no rodapé dos jornais franceses. A partir da década de 1820, o *feuilleton* começa a assumir um formato definitivo: ficção em capítulos. Romances e comédias terminam com uma frase que deixa o leitor ávido pelo jornal do dia seguinte: “continua amanhã”. Assim nasceu o folhetim, que se ramificou em diversas vertentes, entre elas a crônica.

Como o assunto deste trabalho é a imprensa brasileira, detalhar o surgimento da crônica na França não atende ao objetivo proposto. Por isso, a partir daqui o olhar se volta

---

<sup>4</sup> Candido, A: 1992: p. 15

<sup>5</sup> Neves, M in Candido, A: 1992: p. 76

definitivamente para o Brasil. Em outubro de 1838, o *feuilleton* francês chega ao Rio de Janeiro. Nessa data, o *Jornal do Commercio* publicou o primeiro capítulo da obra que é considerada o folhetim inaugural da imprensa brasileira: *Capitão Paulo*, do francês Alexandre Dumas, devidamente traduzido. O gênero ganha popularidade e alguns periódicos, como o citado *JC*, passam a viver em função do romance-folhetim. Nomes como Machado de Assis e José de Alencar viram folhetinistas como forma de laboratório para iniciativas mais ousadas. O segundo deles publicou, com enorme sucesso, *O Guarani* em capítulos, no *Diário do Rio de Janeiro*, em 1857. Dois anos depois, foi a vez de Machado se tornar colaborador da revista *O Espelho*.

O fôlego demonstrado pelo folhetim prepara terreno para o aparecimento da crônica na imprensa brasileira, o que acontece na virada do século XIX para o século XX. Para encerrar o assunto folhetim, nada melhor do que lembrar as palavras de Machado de Assis sobre o tema.

O folhetinista é a fusão agradável do útil e do fútil, o parto curioso e singular do sério, consorciado com o frívolo. Estes dois elementos, arredados como pólos, heterogêneos como água e fogo, casam-se perfeitamente na organização do novo animal. (...)

O folhetim é filho do acaso e da fantasia. Sua musa é o capricho, seu programa a inspiração.<sup>6</sup>

## 2.2. Um gênero menor?

Como será visto logo a seguir, a crônica aparece na imprensa brasileira na última década do século XIX. Mas, para iniciar esta parte do trabalho, é importante citar interessante teoria de Jorge de Sá. Para o pesquisador, houve uma crônica produzida no Brasil bem antes do século XIX, mais precisamente em 1500. Jorge enxerga características do gênero na carta de Pero Vaz de Caminha enviada ao rei de Portugal quando a expedição de Pedro Álvares Cabral desembarcou no que hoje faz parte do litoral sul da Bahia.

O texto de Caminha é criação de um cronista no melhor sentido literário do termo, pois ele recria com engenho e arte tudo o que ele registra no contato direto com os índios e seus costumes. (...)

Seu relato é, assim, fiel às circunstâncias, onde todos os elementos se tornam decisivos para que o texto transforme a pluralidade dos retalhos em uma unidade bastante significativa.<sup>7</sup>

<sup>6</sup> Meyer, M *in* Candido, A: 1992: p. 94

<sup>7</sup> Sá, J de: 1985: p. 7

O critério de Jorge de Sá é duvidoso, uma vez que a carta de Caminha apresenta inúmeras características – como a linguagem rebuscada – bem diferentes do que se vê nas crônicas atuais. Ainda assim, o primeiro documento produzido em solo brasileiro é útil para que se perceba como as notícias eram transmitidas no último ano do século XV.

Depois desse exemplo de texto antigo, volta-se à última década do século XIX, quando o Rio de Janeiro vivia momento de mudanças. O progresso chegava e dividia opiniões. Os governantes promoviam reformas urbanas inspiradas em Paris, causando intensa guerra verbal. Integrantes dos dois lados da peleja – contentes e descontentes com a nova ordem – começaram a usar a imprensa como tribuna. A efervescência da sociedade da época fez com que muitos autores do gênero então conhecido como romance-folhetim trocassem a ficção pela análise do cotidiano, do “novo”, e pela defesa de um projeto de futuro para o país. Assim, desenvolve-se a crônica no Brasil. Ampliando o conceito de gênero colado ao tempo, ela se torna a portadora do “espírito do tempo”<sup>8</sup>, o que, há cem anos, significava portar o espírito da modernidade.

Durante muito tempo, a crônica foi considerada gênero menor da literatura, por preconceito de gente que se dizia literária, apesar de já ter sua posição consolidada nos jornais desde a década de 1930. Nos últimos vinte anos, porém, reconheceu-se a importância e a qualidade da crônica desenvolvida na imprensa brasileira. Até quem pensa que há literatura mais transcendental do que a produzida pelos cronistas, como o crítico literário Antonio Candido, já admitiu a grandeza da crônica nacional.

Parece mesmo que a crônica é um gênero menor.

“Graças a Deus”, – seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica perto de nós. (...) Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Na sua despreensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorrateira, recuperar com a outra mão uma certa profundidade de significado e um certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição.<sup>9</sup>

De volta à questão da relação deste gênero com o tempo, Candido lembra que a crônica não tem qualquer pretensão de durar, uma vez que é veiculada no imediatismo do jornal, “essa

<sup>8</sup> Neves, M *in* Candido, A: 1992; p. 82

<sup>9</sup> Candido, A: 1992: p. 14

publicação efêmera que se compra num dia e no dia seguinte é usada para embrulhar um par de sapatos ou forrar o chão da cozinha”.<sup>10</sup>

### 2.3. Definições e características

Definir gênero tão rico – que “tem seu lado de mercadoria e sua face indomável de arte”<sup>11</sup> – é tarefa quase impossível. Mas muita gente se arrisca a produzir definições, cada uma com seu enfoque. O professor Nilson Lage, em *Estrutura da notícia*, mostra bom caminho a seguir: “A crônica é um texto desenvolvido de forma livre e pessoal, a partir de acontecimentos de atualidade ou situações de permanente interesse humano; é gênero literário que busca ultrapassar, pelo tratamento artístico, o que é racionalmente deduzido”.<sup>12</sup>

Melhor ainda é observar a detalhada análise publicada em 1943 por Mário de Andrade, que também usou sua genialidade para escrever crônicas brilhantes, sobre os vários traços do gênero.

a) Crônica, em sua origem jornalística, é o texto descompromissado de grandes ambições; não pede o artesanato exaustivo, nem o rigor na informação.

b) Crônica não é artigo, nem ficção. Dentro da prosa é a libertação da rigidez do gênero. (...)

c) Crônica é o texto livre, “desfatigado”, que pode tratar de qualquer assunto; é curto, sem ter, contudo, regras preestabelecidas para sua extensão.<sup>13</sup>

A partir desses pontos iniciais, pode-se rascunhar características quase onipresentes nas crônicas publicadas pela imprensa brasileira. Desde que apareceu na mídia destas terras, em meio ao embate sobre a modernização das maiores cidades do país, a crônica se notabilizou pela linguagem simples, sempre à procura do acidental, e geralmente formando um elo entre o passado (os textos cheios de saudosismo) e o presente (o registro do instante). Quando se arriscava por esse terreno, até o parnasiano Olavo Bilac escrevia textos leves. “A leitura de Bilac é instrutiva para mostrar como a crônica já estava brasileira, gratuita e meio lírico-humorística, a ponto de obrigá-lo a amainar a linguagem”.<sup>14</sup>

<sup>10</sup> Candido, A: 1992: p. 14

<sup>11</sup> Cardoso, M in Candido, A: 1992: p. 142

<sup>12</sup> Lage, N: 2003: p. 56

<sup>13</sup> Andrade, M de *apud* Candido, A: 1992: p. 170

<sup>14</sup> Candido, A: 1992: p. 16

Em textos marcados pelo bom humor, o cronista se sente livre para ousar. O pesquisador Jorge de Sá acha que João do Rio, pseudônimo mais constante de Paulo Barreto, foi o responsável por inaugurar o novo estilo de crônica mundana, nas duas primeiras décadas do século XX. A partir de então, o que se vê é “o comentário de acontecimentos que tanto poderiam ser do conhecimento público como apenas do imaginário do cronista, tudo examinado pelo ângulo subjetivo da interpretação, ou melhor, pelo ângulo da recriação do real”.<sup>15</sup>

Cronista consagrado, João do Rio circulava com desenvoltura entre a elite carioca e entre as prostitutas da Lapa. Só não gostava de ficar enfiado dentro de uma redação. Foi assim que ele criou a “crônica mundana” predominante até a atualidade na imprensa brasileira e obrigou seus contemporâneos a vivenciar de forma diferente a profissão de jornalista. As primeiras linhas do livro *A alma encantadora das ruas* se tornaram referência para todo cronista. Na atividade que requer o olho sempre alerta e sagaz, ali está a essência desse ofício: o prazer pela rua.

Eu amo a rua. Esse sentimento de natureza toda íntima não vos seria revelado por mim se não julgasse, e razões não tivesse para julgar, que este amor assim absoluto e assim exagerado é partilhado por todos vós. Nós somos irmãos, nós nos sentimos parecidos e iguais; nas cidades, nas aldeias, nos povoados, não porque soframos, com a dor e os desprazeres, a lei e a polícia, mas porque nos une, nivela e agremia o amor da rua.<sup>16</sup>

O estilo de crônica inaugurado por João do Rio – somando um ar descomprometido e divertido à leveza existente desde sempre e ultrapassando o mero relato jornalístico – deixa de lado a argumentação, mas não abandona a crítica social, principalmente porque o gênero continua a funcionar como uma espécie de laboratório para grandes escritores. Fernando Sabino, por exemplo, publicou nos anos 1950 a bela *Última crônica*, de forte cunho crítico. “Eu pretendia apenas recolher da vida diária algo de seu disperso conteúdo humano, fruto da convivência, que a faz mais digna de ser vivida”.<sup>17</sup>

## 2.4. Esporte: o cenário ideal

Em seu *Discurso sobre a História*, o filósofo e crítico alemão Walter Benjamin lembra que a crônica do passado tinha a função de historiar, de transmitir com fidelidade um tempo que

---

<sup>15</sup> De Sá, J: 1985: p. 9

<sup>16</sup> Rio, J do: 1987: p. 5

<sup>17</sup> Sabino, F *apud* Candido, A: 1992: p. 19



estava sendo vivido – vide Pero Vaz de Caminha. Ao fazer essa observação e aplicá-la aos cronistas do século XX, Benjamin coloca, com propriedade, o presente como marca essencial da crônica. Assim, o cronista pode até virar as costas para a notícia, mas deve saber que sua responsabilidade é grande, pois suas colunas se tornam atrativos do jornal em busca de leitores.

Outra abordagem teórica pertinente pertence a David Arrigucci Júnior. O professor chama a atenção para a “dialética do simples e do complexo”.<sup>18</sup> presente na crônica, uma vez que, para ele, o gênero funcionaria como um *iceberg*: pequeno território que significa a existência de âmbito mais vasto.

A professora Telê Lopez, da USP, classifica a crônica como um gênero híbrido, que “pára no meio do caminho entre a literatura e o jornalismo”.<sup>19</sup> Para explicar esse conceito, ela argumenta que o gênero une a objetividade jornalística à subjetividade literária, num texto de grande espontaneidade e rico de significado que deve ser produzido de forma rápida, por causa do horário de fechamento dos jornais.

Telê Lopez acrescenta que cabe à crônica jornalística tratar de tudo, na medida em que a escolha do tema fica a cargo do jornalista responsável pela coluna. Assim, afirma a professora, o cronista “vai oferecendo sua acepção dos acontecimentos que o noticiário difundiu sem emoção”.<sup>20</sup> Nessa frase, depois de longo desenvolvimento teórico, chega-se à palavra-chave deste trabalho: “emoção”. Uma vez que o cronista procura abordar de maneira emocionante aquilo que foi tratado de forma fria no noticiário do jornal, conclui-se que a editoria de esportes é o cenário ideal para a produção das crônicas características da imprensa brasileira.

No texto esportivo, exige-se que o jornalista passe ao leitor toda a emoção do jogo da véspera. A tarefa não é fácil, pois esse sentimento deve ser transmitido tanto aos torcedores do time vencedor quanto aos da equipe perdedora. Dessa forma, esse terreno se torna farto para os cronistas, que utilizam sua percepção aguçada para transformar os frios números de uma partida num texto de linguagem lírica, irônica, casual e amparada por um diálogo rápido e certo, ou “uma espécie de monólogo comunicativo”<sup>21</sup>, como será visto nos capítulos a seguir.

---

<sup>18</sup> Resende, B: *in* Candido, A: 1992: p. 423

<sup>19</sup> Lopez, TPA *in* Candido, A: 1992: p. 167

<sup>20</sup> Lopez, TPA *in* Candido, A: 1992: p. 168

<sup>21</sup> Candido, A: 1992: p. 22

### 3. JORNALISMO ESPORTIVO: UM CAMINHO CHEIO DE OBSTÁCULOS

Quem analisa os jornais brasileiros atualmente percebe o nobre espaço dado todos os dias ao noticiário esportivo, especialmente ao futebolístico, tema deste trabalho. Mas nem sempre foi assim. Vítimas de preconceito em alguns casos, marginalizados em outros, os repórteres especializados na área enfrentaram diversas dificuldades até ganhar prestígio no mercado.

Desde que as primeiras notícias esportivas foram publicadas na imprensa deste país, os repórteres e editores da área precisaram derrubar diversas resistências, algumas delas importantes. Além disso, essa editoria sempre se caracterizou pela constante mutação na temática, no estilo e nas personagens. Este capítulo tratará dessa trajetória do noticiário de esportes nos jornais brasileiros, do difícil começo até este ano de 2006. Pode-se dizer que a cobertura jornalística do futebol ultrapassou a barreira dos cem anos de existência no Brasil.

#### 3.1. O começo: futebol tem pouco espaço. Destaques são remo e turfe

Os primeiros passos da imprensa esportiva nacional foram dados no turfe e no remo, antes da chegada da primeira bola de futebol ao país. Em 8 de setembro de 1875, a *Gazeta de Notícias* publicou detalhes sobre as corridas de cavalos do dia anterior. Nos anos seguintes, surgiram até publicações especializadas em turfe, que tiveram vida curta, como *Sportman* (1887), *O Sport* (1887) e *Revista Esportiva* (1894).<sup>22</sup> O *Jornal do Brasil* publicou desde sua fundação, em 1891, uma coluna chamada *Sport*, que também se dedicava exclusivamente às corridas de cavalos e às regatas.

Em 1894, o paulistano Charles Miller voltou à sua cidade natal – após dez anos de estudos na Inglaterra – disposto a popularizar o *football*, que virara mania entre universitários e operários do Reino Unido. Miller obteve êxito em sua empreitada pessoal e o esporte começou a ser praticado em território tupiniquim. As primeiras (pequenas) referências a uma partida de futebol na imprensa brasileira datam de 1902, ano em que a cidade de São Paulo organizou o primeiro campeonato oficial, com cinco equipes. Já no ano seguinte, os principais jogos da competição receberam bom público e mereceram detalhadas crônicas nos jornais. Inaugurava-se, então, o estilo inicial do jornalismo esportivo: um texto rebuscado, de difícil compreensão e repleto de

---

<sup>22</sup> Ribeiro, P: 2005: p. 11

termos em inglês. Percebe-se isso no trecho abaixo, extraído de uma edição do *Correio Paulistano* de 1903, que noticiava o empate por 0 a 0 entre Mackenzie e Paulistano.

Extraordinariamente concorrido esteve o match realizado ontem no Velódromo Paulista, e em que tomaram parte os conhecidíssimos primeiros teams da Associação Athletica do Mackenzie College e do Club Athletic Paulistano. (...)

O seu conhecido e hábil centerforward esteve infeliz, pois errou vários shoots a poucas jardas do goal; um outro forward achava-se quase sempre off-side, finalmente outro fazia dribling miudinhos sem resultado.<sup>23</sup>

Na década de 1910, cresce o interesse pelo futebol, mas não a ponto de ameaçar a popularidade do turfe e do remo. Um dos grupos populacionais mais empolgados com o futebol eram as colônias européias. Em São Paulo, os descendentes de italianos tinham um jornal voltado para seus interesses, o *Fanfulla*, que divulgava os principais eventos esportivos da época. Foi através de um aviso despretensioso publicado nesse periódico que a colônia se uniu para fundar, em 26 de agosto de 1914, o Palestra Itália – que, durante a 2ª Guerra Mundial, mudou seu nome para Palmeiras –, um dos clubes de futebol mais tradicionais e vitoriosos do país. No Rio de Janeiro, surgiu em 1912 o *Football*, tablóide dedicado ao esporte bretão, mas que teve pouco tempo de vida.

### 3.2. A importância do Sul-Americano de 1919 e de Mário Filho

O passo decisivo para a popularização do futebol no Brasil data de 1919, ano em que o Rio de Janeiro sediou a terceira edição do Campeonato Sul-Americano, disputado por Argentina, Chile e Uruguai, além do país anfitrião. As partidas contra os rivais continentais empolgaram a população e levou milhares de pessoas ao Estádio das Laranjeiras, pertencente ao Fluminense e que havia sido especialmente construído para o Sul-Americano. Os jornais deram amplo espaço à competição. Ao fim do torneio, brasileiros e uruguaios estavam empatados, o que motivou a realização de um jogo extra, em 20 de maio. A vitória do Brasil por 1 a 0, gol de Friedenreich, primeiro ídolo do futebol nacional, encheu de orgulho o povo e a imprensa, como mostra a manchete do jornal *O Imparcial*.

---

<sup>23</sup> Mazzoni, T: 1950 *apud* Marques, JC: 2000: p. 73

Salve footballers brasileiros! Depois de uma peleja emocionante, os nossos patrícios lograram, ontem, para o nosso país a supremacia do football no Campeonato Sul-Americano. A nossa inegável vitória de ontem sobre os uruguaiois pelo score de 1 x 0.<sup>24</sup>

O periódico carioca *A Rua* resumiu com propriedade a importância da competição. “Antes do campeonato, o football aqui já era uma doença: agora é uma grande epidemia, a coqueluche da cidade, de que ninguém escapa”.<sup>25</sup>

O título da Seleção obteve repercussão nacional, ultrapassando os limites do Rio de Janeiro, então capital federal. Popular nas arquibancadas, faltava ao futebol brasileiro democratizar seus gramados. À época, os jogadores eram brancos da elite. A história começa a mudar em 1923, quando o Vasco da Gama conquista o título carioca com uma equipe formada em sua maioria por negros operários. Outros times – como o Bangu e o Paulistano – já haviam escalado negros antes, mas nenhum deles obtivera sucesso.

Pesquisa de 1925 indica que o futebol já era então o esporte mais popular do Brasil,<sup>26</sup> mas a imprensa demora a perceber isso. Jornais da época continuavam a dar mais espaço ao que acontecia nas regatas da Lagoa Rodrigo de Freitas e nas raíais do Hipódromo da Gávea. Até o começo da década de 1930, o repórter esportivo ainda era discriminado dentro das redações. Colegas das áreas de cidade e política achavam que a cobertura de remo, turfe e futebol devia ficar a cargo dos jovens recém-chegados às empresas de comunicação.

(...) Em 1927, os repórteres de futebol ainda eram tão pobres-diabos quanto os da Assistência, encarregados de cobrir os atropelamentos. Não fosse pelo lanche que os clubes ofereciam nos dias de treino, alguns desses repórteres morreriam de fome. Pena que os jogadores não treinassem todo dia. E havia os escritores profissionais, que gostavam deste ou daquele clube e escreviam de graça sobre ele, para ser recebidos com fanfarras em suas sedes sociais.<sup>27</sup>

Para pôr fim a esse quadro de preconceito contra os repórteres esportivos, surge a figura de Mário Filho. Jornalista conhecido nas redações do Rio de Janeiro, ele compôs, em 1931, o *Mundo Esportivo*. No mesmo ano, lançou o *Jornal dos Sports*, que existe até hoje, com um

---

<sup>24</sup> Coelho, PV: 2004: p. 15

<sup>25</sup> Coelho, PV: 2004: p. 12

<sup>26</sup> Coelho, PV: 2004: p. 10

<sup>27</sup> Castro, R: 1992: p. 132

desafio que inexistia em outras redações: falar ao leitor apaixonado. Quem se interessa pelo noticiário de economia ou política não tem paixão pelo assunto, mas encontra outros motivos para ler o noticiário da editoria. No esporte, a situação muda: o consumidor é louco por seu time, e deixa com facilidade de comprar um jornal se enxergar qualquer má vontade contra sua equipe do coração.

Na época da criação do *JS*, a imprensa esportiva vivia sua primeira grande polêmica: ela se dividiu entre os que defendiam a adoção do profissionalismo e os que queriam a manutenção do amadorismo. A primeira corrente – na qual militava Mário Filho – venceu a batalha, e os clubes se tornaram profissionais. Isso acabou com a hipocrisia que cercava o futebol, porque era notório que os jogadores já recebiam dinheiro para entrar em campo, o que contrariava as regras de então.

Durante as décadas de 1930 e 1940, Mário Filho assumiu a condição de promotor de eventos. Apaixonado por futebol, o jornalista estimulou a criação de campeonatos por toda a cidade. Nos meses em que não havia competições, Mário ficava inquieto. Foi assim em fevereiro de 1932, quando os clubes estavam parados e ele se viu na iminência de precisar fechar o *Mundo Esportivo*. Atendendo a sugestão de um de seus repórteres, o jornalista divulgou e realizou o primeiro desfile das escolas de samba do Rio de Janeiro, que muito tempo depois se tornaria um dos maiores eventos da Cidade Maravilhosa. Além disso, Mário Filho e Nelson Rodrigues mudam o texto esportivo. As crônicas cheias de termos anglicanos, com tom oficialesco, dão lugar a um estilo livre, leve e solto, para despertar reações no leitor. Dessa forma, o jornalismo esportivo logo cria uma linguagem com seu próprio campo semântico. Para atingir esse patamar, a imprensa contou com o intenso imaginário do espetáculo do futebol, que atinge um público ao mesmo tempo amplo e bem definido.

(...) Deste modo, o futebol não só constitui a válvula de escape das camadas populares, mas também de intelectuais e homens de negócios que se apaixonam por este esporte e estão sujeitos à mesma sequência emotiva: excitação, sensação, alegria, e isto repetidas vezes.<sup>28</sup>

Rodrigo Paiva Araújo identifica quatro características básicas na linguagem esportiva construída a partir de Mário Filho e Nelson Rodrigues: economia verbal; vocabulário simples,

<sup>28</sup> Leite de Oliveira Fernández, MC: 1974 *apud* Pires Ferreira, P: 2001: p. 32

para tornar o texto compreensível para todos, desde o empresário até o gari; utilização da emoção do leitor, para prender sua atenção; e emprego de palavras de caráter bélico.<sup>29</sup>

À medida que essa nova linguagem é utilizada, a imprensa esportiva ganha cada vez mais leitores. Outra razão é o fim das polêmicas dos anos 1920 e 1930. Entre 1933 e 1936, o Campeonato Carioca teve duas ligas, uma delas amadora e a outra profissional. Em 1934, por exemplo, o Vasco foi campeão entre os profissionais e o Botafogo entre os amadores. Em 1937, finalmente há um campeonato único. Com sua habilidade de divulgação, Mário Filho criou o epíteto *Clássico da Paz* para o primeiro jogo da competição desse ano, disputado entre Vasco e América. A relação de ajuda mútua entre imprensa e equipes continua ao longo da década de 1940, que sedimenta a rivalidade entre os quatro maiores clubes do Rio: Flamengo, Vasco, Botafogo e Fluminense. Craques surgem em todos esses times e o povo se interessa cada vez mais pelas competições. Nomes como Zizinho, Heleno de Freitas, Danilo Alvim e Castilho faziam a festa de torcedores e jornalistas. O ambiente amistoso entre repórteres e dirigentes raramente era quebrado, mas havia discussões desde os primórdios. Na década de 1930, alguns dirigentes paulistas proibiram os jogadores de dar entrevistas, mas o clima de enfrentamento não passava de exceção. No geral, clubes e jornais andavam de mãos dadas, mesmo que involuntariamente.

A realização da Copa do Mundo de 1950 no Brasil – que inaugurou no Rio o Maracanã, então maior estádio do mundo – é o marco do reconhecimento da importância do futebol por parte da imprensa. A partir daquele ano, nenhum outro esporte consegue ter espaço maior nos jornais. Nem o fracasso brasileiro na final do Mundial inibe o crescimento do futebol.

Para resumir o que foi estudado até aqui, vale ressaltar as quatro fases estabelecidas por José Carlos Marques para, de forma didática, organizar a cronologia do futebol no Brasil, desde sua chegada até sua popularização.

(1) 1894-1910: clubes urbanos pertencentes a estrangeiros; o povo não participa e o futebol usa smoking; elitização do esporte;

(2) 1910-1933: fase amadora e de grande divulgação do esporte; conflitos entre os que defendiam o amadorismo e os que apoiava a subvenção dos jogadores;

(3) 1933-1950: período inicial do profissionalismo; intensa participação popular;

---

<sup>29</sup> Paiva Araújo, R: 1998 *apud* Pires Ferreira, P: 2001: p. 33

(4) pós 1950: reconhecimento internacional e comercialização sofisticada.<sup>30</sup>

### 3.3. De 1950 a 1970: craques nos gramados e nas redações

Na década de 1950, surgiram craques no campo e nas redações, e, até 1970 o futebol brasileiro viveu sua era de ouro, assim como o jornalismo esportivo. Nesse período, a Seleção conquistou três títulos mundiais e seus feitos foram exaltados não só pela imprensa brasileira, mas também por jornais do mundo inteiro. Para melhorar, os clubes também despertavam a paixão dos torcedores. Sem a concorrência desleal dos times europeus, as equipes nacionais conseguiam manter seus craques. Confrontos como Botafogo x Santos reuniam a nata do futebol mundial.

Nesse período, o futebol já se tornara um dos principais componentes da identidade brasileira, fato reconhecido dentro e fora do país. Como explica Fátima Martin Antunes, o esporte ganhou reconhecimento por causa da atuação dos intelectuais reconhecidos na sociedade que passaram a trabalhar na imprensa esportiva.

O futebol é um dos elementos mais importantes na construção do imaginário popular do que significa ser brasileiro. As imagens coletivas da “tragédia” de 1950, com a perda do título no Maracanã contra o Uruguai; a glória do campeonato mundial de 1958, na Suécia, e o êxtase vivido pela população com o tricampeonato, em 1970, no México, foram fundamentadas, ideológica e esteticamente, por cronistas como José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues.<sup>31</sup>

Futebol vitorioso e popular. O cenário era perfeito para a criação dos mitos esportivos. Os jornalistas da época não deixaram passar a oportunidade. Histórias de Pelé, Garrincha, Didi, Nilton Santos, Gérson, entre outras, são contadas com facilidade por gente que nasceu na década de 1990. As peripécias dos craques em campo ganhavam contornos de heroísmo, uma vez que eram transmitidas pelo rádio e pelo jornal na época em que a televisão ainda era artigo de luxo, como conta o veterano comentarista Luiz Mendes. “Os bons jogadores eram como bifes a serem digeridos. E os jornalistas estavam famintos por eles, mas preferiam degustá-los com um tempero ainda mais saboroso”.<sup>32</sup>

<sup>30</sup> Marques, JC: 2000: p. 86

<sup>31</sup> Martin Antunes, F: 2004 *apud* Araújo Cid Pinto, LF: 2005: p. 26

<sup>32</sup> Mendes, L *apud* Araújo Cid Pinto, LF: 2005: p. 31

Não se trata de minimizar as diabruras de Pelé, Garrincha e companhia com a bola nos pés, mas de reconhecer a importância que tiveram os jornalistas esportivos na transformação desses atletas em mitos. Como explica Roland Barthes, “o mito não é ficção, engano ou falsidade; é, isto sim, um modo de falar, ver e sentir dimensões da realidade inatingíveis racionalmente, dando-lhes significado e consistência”.<sup>33</sup>

O sucesso do futebol brasileiro enterrou qualquer resistência ao esporte por parte da mídia mais tradicional. Na década de 1960, os maiores jornais do país criaram cadernos de esporte nos quais os jogos eram divulgados com detalhes.

### 3.4. O reino da objetividade

A década de 1970 tornou-se o marco da mudança no jornalismo esportivo. Os textos apaixonados começam a ser vistos com maus olhos. A preocupação extrema com a objetividade, onipresente em outras editorias, transfere-se para o futebol. Cabe ressaltar que a tradição da imprensa futebolística brasileira era de uso freqüente da subjetividade. Estudantes de jornalismo que ignoram o noticiário esportivo costumam espantar-se com algumas características da editoria. No contexto dos sisudos manuais de redação, como explicar as notas de zero a dez dadas a cada jogador nos dias seguintes às partidas? Essa atividade subjetiva é uma das favoritas dos leitores. No início do século XXI, o *Ataque*, suplemento esportivo do jornal *O DIA*, experimentou não publicar as notas dos jogadores. A reação dos leitores foi tão adversa que após algumas semanas a análise subjetiva das atuações dos atletas voltou a aparecer nas páginas do jornal. Esse tipo de atitude da direção do periódico – tentar excluir a publicação das notas – origina-se na postura de editores adotada a partir dos anos 1970.

Nessa época, a palavra “verdade” estava em voga nas redações. Para uma geração recém-chegada ao mercado de trabalho, colunas romantizadas como as de Nelson Rodrigues não podiam ser consideradas jornalismo. O cronista, então, teria de tratar apenas dos aspectos técnicos do jogo, como explica Paulo Vinícius Coelho.

(...) A imprecisão diminuiu bastante nas páginas dos anos 70 em diante, graças ao compromisso da imprensa de contar a verdade. O que exclui o mito. O resultado é, muitas vezes, uma crônica tão desprovida de paixão que é capaz de jogar na vala comum atletas

---

<sup>33</sup> Barthes, R: 1982: p. 74



que certamente já merecem lugar na história. Gente como Rivaldo, Ronaldo, Romário, Bebeto, Dunga.<sup>34</sup>

Essa análise aborda o ponto fundamental da questão. É claro que o jornalista esportivo não tem o direito de contar inverdades ou inventar fatos para seus leitores. Mas o repórter que trabalha com futebol e toda a paixão que ele desperta no brasileiro não pode escrever igual a um jornalista de polícia que cobre um assassinato ou um outro que cobre o debate entre os candidatos à presidência da República.

São raríssimos os casos de jornalistas esportivos que não gostam do assunto. Há exceções de repórteres que começaram a trabalhar por acaso com futebol, mas a maioria deles acompanha o noticiário com fervor desde criança. Por isso, é ingênuo e absurdo imaginar que o jovem apaixonado por futebol vá sofrer radical transformação assim que entrar numa redação e comece a ver os jogos com toda a isenção do mundo. Deve-se cobrar que o garoto deixe em segundo plano seu lado torcedor enquanto está em serviço, mas a paixão precisa ser usada na elaboração do texto. Sem ela, a crônica esportiva se torna um fardo para o leitor. “A paixão clubística pode até ser abrandada, extinta, nunca. Seria querer o impossível”.<sup>35</sup> Além disso, todo repórter esportivo precisa ter consciência do papel sociabilizador do futebol no Brasil, condizente com a importância do esporte no país.

Mais importante do que a paixão, só o conhecimento. É inadmissível que um repórter esportivo – ou de qualquer outra editoria – saiba pouco da área em que trabalha. Neste começo de século XXI, há até a apologia do desconhecimento, normalmente feita por jornalistas esportivos experientes, que ignoram o que acontece fora do Brasil. Ou seja, eles não sabem o que de melhor acontece no futebol mundial, porque os principais craques, entre eles os brasileiros, atuam no futebol europeu. Exemplo disso aconteceu na Copa do Mundo de 2006. Na edição de 1º de julho do programa *Linha de Passe*, transmitido pela *ESPN Brasil*, o veterano Fernando Calazans ironizou a seleção inglesa, que naquele dia havia sido eliminada da competição por Portugal. “Esses jornalistas que acompanham o futebol europeu, eles diziam aos quatro ventos antes da Copa que o Lampard e o Gerrard (dois atletas ingleses) são craques. Mas eu não vi isso na Copa. Vou perguntar a esse pessoal onde foi parar o futebol dos ingleses”. Sentado ao lado de Calazans, estava Paulo Vinícius Coelho, que rapidamente expôs o colega ao ridículo, ao lembrar que o

---

<sup>34</sup> Coelho, PV: 2004: p. 18-19

<sup>35</sup> Nogueira, A: 2003: p. 35

brasileiro Ronaldinho Gaúcho, considerado por todos o melhor jogador do mundo, também fracassara na Copa. “Se formos ver por esse lado, o Ronaldinho Gaúcho também é um perna-de-pau”, rebateu Paulo Vinícius, enquanto Calazans se calou.

### 3.5. Década de 1990: as assessorias e o novo caderno da *Folha de S. Paulo*

Na última década do século XX, a sisudez na imprensa esportiva continuou a crescer, e ganhou uma acompanhante de peso: a assessoria de imprensa de clubes e jogadores, que, na maior parte das vezes, dificulta o trabalho do repórter (detalhes no capítulo seis). Jornalistas e jogadores vivem separados por um abismo, e a função do assessor é diminuir esse espaço para facilitar o exercício da atividade profissional das duas partes, mas isso raramente ocorre.

Os textos continuaram cada vez mais burocráticos, e os defensores do jornalismo esportivo praticado de forma puramente racional ganharam belo palco para manifestarem-se: em 1992, o jovem Melchiades Filho assumiu o cargo de editor de esportes da *Folha de S. Paulo* com uma meta: focar a cobertura do caderno nos bastidores do futebol. As lentes dos fotógrafos do jornal desviaram-se dos craques e passaram a buscar os dirigentes. “Com a concorrência dos eventos ao vivo na TV, cada vez mais acirrada, os jornais têm de se diferenciar. (...) É por isso que a *Folha* (...) investe muito em reportagens sobre o mundo extracampo”<sup>36</sup>, assim Melchiades explica a opção pelos bastidores. O jornalista comandou a editoria por 13 anos, até licenciar-se para cuidar do novo projeto gráfico da *Folha*, em 2005. Ao deixar o cargo, ele disse ter a sensação do dever cumprido.

Muitos dizem que minha principal contribuição foi ter aberto o caminho para a cobertura sistemática dos bastidores do esporte na imprensa diária. Quando assumi, essa era de fato uma de minhas prioridades. Eu tinha muito claro o diagnóstico de que a política, a economia e a ciência exerciam influência direta sobre o resultado esportivo e, portanto, não poderiam ser desprezadas.<sup>37</sup>

O marco inicial da nova cobertura do jornal foi a publicação da matéria que relatava um escândalo de arbitragem que ajudou o Botafogo de Ribeirão Preto a voltar à Primeira Divisão do Campeonato Paulista, em 1995. Nessa nova fase, a *Folha* abandonou de vez a emoção. Os números do *Datafolha* se tornaram fonte de páginas inteiras com estatísticas dos jogos, o que

<sup>36</sup> [www.geocities.com/paineldobasquete/melk.htm](http://www.geocities.com/paineldobasquete/melk.htm), acessado em 25/10/06

<sup>37</sup> [http://portalimprensa.uol.com.br/new\\_ultimasnoticias\\_data\\_view.asp?code=2702](http://portalimprensa.uol.com.br/new_ultimasnoticias_data_view.asp?code=2702), acessado em 25/10/06

desagradou aos leitores-torcedores. Como analisa Paulo Vinícius Coelho, o jornal da família Frias nunca teve tradição no noticiário esportivo, mas, com essa mudança editorial, conseguiu encontrar um nicho de atuação que tornou a cobertura importante, sem ser atraente.

*A Folha* firmou-se em definitivo no jornalismo esportivo quando passou a preocupar-se mais com a cobertura do aspecto político do esporte do que propriamente com o que acontece dentro do campo e das quadras. Aos poucos, o jornal se tornou indispensável. O que não significa que tenha se tornado querido de quem gosta de esportes. Ao contrário, continua sendo tratado como jornal que despreza a paixão, vive muito mais da razão.

*A Folha* (...) tem, sim, o melhor e único caderno de política do esporte do mundo.<sup>38</sup>

O maior problema da *Folha* em seu novo rumo editorial na editoria de esportes foi a confusão feita entre distanciamento e crítica gratuita. O jornal dos bastidores tornou-se especialista em destruir mitos. No dia seguinte à eliminação do Brasil na Copa do Mundo de 2006, o editor enviou um repórter a Barcelona para saber como seria a reação de Ronaldinho Gaúcho à derrota para a França. A resposta estava estampada na capa do caderno de esportes do dia 4 de julho, num texto intitulado: “A vida como ela é: Ronaldinho volta a Barcelona, deixa a decepção de lado e aproveita suas férias com amigos, comida, dança e balada na madrugada”.<sup>39</sup> A matéria rendeu acaloradas discussões: a imprensa tem o direito de intrometer-se na vida pessoal de um atleta e vigiar o que o craque faz em sua casa? Enquanto os jornalistas esportivos se preocupavam em construir mitos até a década de 1980, a *Folha* tenta achincalhar em praça pública os principais nomes do esporte.

A curiosidade é que o jornal dos Frias diminuiu essa sisudez na Copa de 2006. Como já citado neste capítulo, o leitor espera com ansiedade para saber as notas que os jornais darão aos jogadores que atuaram no dia anterior. Mas essa prática sempre foi proibida na *Folha*. Como um jornal tão “imparcial” poderia distribuir notas subjetivas aos 22 atletas que disputaram a partida? No Mundial da Alemanha, a pressão do leitor venceu. Nos dias seguintes aos jogos do Brasil, três dos colunistas de maior renome da *Folha* – Clóvis Rossi, Juca Kfoury e Tostão – davam notas aos atletas brasileiros.

---

<sup>38</sup> Coelho, PV: 2004: p. 88

<sup>39</sup> Rangel, S: 04/07/2006: p. 01

Apesar da defesa da paixão, deve-se deixar claro que o autor deste trabalho é defensor da imprensa vigilante e acha que os dirigentes precisam ser fiscalizados. O problema acontece quando o jornal se restringe a isso, sem abordar a beleza do esporte. Não pode haver qualquer tolerância a deslizes morais de quem dirige o futebol, mesmo se o preço por isso for alto, como lembra Armando Nogueira.

A oposição no futebol é exercida pelos jornalistas. Por natureza, estamos desempenhando um papel parecido com o do promotor. A imprensa esportiva seria uma espécie de ministério público informal. Como não temos diploma, nem toga, nem prerrogativas, os jornalistas acabam pagando caro. Quem alerta, quem denuncia uma irregularidade acaba processado na justiça. Somos alvos da indústria dos danos morais.<sup>40</sup>

Para encerrar este capítulo, é valioso saber a opinião de Melchíades Filho sobre o futuro do jornalismo esportivo. Em seu período no comando da editoria na *Folha*, o jornalista incentivou a adoção de práticas jornalísticas bem diferentes das defendidas pelo autor deste trabalho. Porém, em entrevista ao *Portal Imprensa*, Melchíades foi perguntado sobre o futuro da cobertura esportiva e deu resposta condizente com o pensamento do autor desta monografia.

Acho que, para que dê um novo salto de qualidade, o jornalismo esportivo precisa se *(re)apaixonar* (grifo meu) pelo esporte. Infelizmente falta mão-de-obra. Os repórteres qualificados e independentes tornaram-se cínicos demais; os que vibram com o jogo não me parecem tão dispostos a se qualificar e/ou a comprar brigas.<sup>41</sup>

É exatamente a mistura das características desses dois tipos de profissionais descritos pelo ex-editor da *Folha* que produz um jornalista esportivo competente: qualificação, independência e vibração com o jogo.

---

<sup>40</sup> Nogueira, A: 2003: p. 160

<sup>41</sup> [http://portalimprensa.uol.com.br/new\\_ultimasnoticias\\_data\\_view.asp?code=2702](http://portalimprensa.uol.com.br/new_ultimasnoticias_data_view.asp?code=2702), acessado em 25/10/06

#### 4. A EMOÇÃO ENTRA EM CAMPO E NA REDAÇÃO: NELSON RODRIGUES, JOÃO SALDANHA E ARMANDO NOGUEIRA

A era de ouro da crônica esportiva brasileira coincide com o apogeu dos maiores craques do futebol nacional. Os dribles e gols de Pelé, Garrincha, Didi, Nilton Santos, Gérson e Tostão são contemporâneos aos textos de Nelson Rodrigues, João Saldanha e Armando Nogueira. Para chegar aos quatro maiores cronistas do esporte bretão, deve-se somar Mário Filho. Mas, como este aparece num período anterior ao dos outros três, não será estudado a fundo. Mário foi o maior responsável pela massificação do futebol, no começo da década de 1940. Todo jornalista – inclusive os que serão analisados neste trabalho e o autor do mesmo – que publicou pelo menos uma linha sobre futebol ao longo de sua carreira deve agradecer ao homem que dá nome ao Maracanã (Estádio Jornalista Mário Filho).

Através de uma análise simplificada ao extremo, o jornalista Arthur Dapieve exalta os três cronistas analisados neste capítulo e considera-os os mais representativos da história da imprensa esportiva brasileira.

Existem duas grandes escolas da crônica esportiva no Brasil. Uma é a dos líricos, a dos textos literários, poéticos, rebuscados. São seus expoentes Nelson Rodrigues e Armando Nogueira. A outra é a dos contundentes, a das palavras duras, engraçadas, diretas. Seu grande mestre foi Saldanha.<sup>42</sup>

##### 4.1. Um gênio a serviço do futebol

Nelson Rodrigues, irmão de Mário, foi um dos primeiros a perceber o potencial jornalístico daquele esporte. Em 1955, três anos antes do primeiro título mundial da seleção brasileira, ele começou a publicar semanalmente textos futebolísticos na revista *Manchete Esportiva*. Nelson logo revela seu estilo peculiar e cria uma expressão que se torna um tema recorrente em seus textos até a conquista do Mundial da Suécia: o “complexo de vira-latas” do brasileiro.

A pura, a santa verdade é a seguinte: -- qualquer jogador brasileiro, quando se desamarra de suas inibições e se põe em estado de graça, é algo de único em matéria de fantasia, de

---

<sup>42</sup> Dapieve, A: 2006: p. 9

improvisação, de invenção. Em suma: -- temos dons em excesso. E só uma coisa nos atrapalha e, por vezes, invalida as nossas qualidades. Quero aludir ao que eu poderia chamar de “complexo de vira-latas”. (...) Por “complexo de vira-latas” entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isso em todos os setores e, sobretudo, no futebol. (...) Na vergonha de 1950, éramos superiores aos adversários (,,,) e perdemos da maneira mais abjeta. Por um motivo muito simples: -- porque Obdulio nos tratou a pontapés, como se vira-latas fôssemos.<sup>43</sup>

Esse texto foi publicado uma semana antes da estréia da Seleção na Copa de 1958. Para Nelson, o time era imbatível caso não se curvasse aos adversários, ao contrário do que ocorrera na final do Mundial de 1950. Citado no texto, o capitão uruguaio Obdulio Varela se impôs com talento e virilidade na vitória de sua seleção sobre o Brasil em pleno Maracanã. No começo do jogo, Obdulio deu um tapa no rosto do zagueiro Bigode, que posteriormente falhou no gol da vitória da equipe celeste.

Nelson Rodrigues tinha um estilo único de escrever sobre futebol, talvez porque pouco visse o que acontecia em campo. Ruy Castro, autor da mais respeitada biografia, confirma o que diziam amigos próximos ao escritor: em seus últimos anos de vida, Nelson ficou quase cego.

(Nelson) via vultos correndo pelo campo e só fazia uma idéia do que estava acontecendo porque as torcidas têm um código coletivo, de uhs e ohs, além dos gritos de gol. Impressionante é que isso nunca o tenha impedido de ir ao futebol e, durante muitos anos, escrever e falar sobre ele. (Mas sempre tomando a precaução de ter alguém ao seu lado para “irradiar-lhe” o jogo).<sup>44</sup>

Nas crônicas de Nelson, aparece sempre o narrador em primeira pessoa, ele começa quase todos os seus textos com o vocativo “amigos”. Utilizava a todo momento as funções fática e conativa da linguagem. É esse estilo familiar que permite a Nelson revelar sem maiores problemas seu time do coração. Para usar uma construção comum na obra do dramaturgo, até os paralelepípedos da cidade sabiam da paixão de Nelson pelo Fluminense. De uma forma que seria impensável no jornalismo atual, o cronista se refere ao Tricolor das Laranjeiras na primeira pessoa do plural.

---

<sup>43</sup> Rodrigues, N: 1993: p. 52

<sup>44</sup> Castro, R: 1992: p.150

(...) O Fluminense podia ter empatado, até. Mas *ficamos* num joguinho platônico, um futebol inofensivo, de passes para os lados e para trás. Resta saber: -- de quem é a culpa? De uma indigência de recursos táticos? Ou *faltou-nos* um Garrincha, com suas penetrações fulminantes, as suas geniais invenções?<sup>45</sup>

Vale ressaltar que os jornalistas não deixaram de revelar seus times apenas por desejo próprio, mas também por causa do acirramento da violência das torcidas. Na final da Copa do Brasil de 2003, por exemplo, disputada entre Cruzeiro e Flamengo, o narrador da TV Globo Galvão Bueno, flamenguista, quase foi agredido pelos cruzeirenses no Estádio Governador Magalhães Pinto, mais conhecido como Mineirão. Galvão e sua equipe permaneceram no estádio até o meio da madrugada, para só então deixarem o local com segurança. Outros jornalistas, como Milton Leite e João Palomino, já sofreram agressões de torcedores. Torna-se claro, pois, que é difícil para um jornalista assumir hoje a paixão por um clube que Nelson mostrava em suas crônicas.

Outra característica do texto de Nelson Rodrigues que se opõe à atual crônica esportiva é a presença constante do excesso, que hoje se encontra marginalizado nas redações. A hiperbolização das imagens era percebida com facilidade no dramaturgo e servia como uma superação de limites. Em sua crônica sobre a vitória do Brasil sobre a Espanha por 2 a 1, de virada, na Copa de 1962, Nelson aborda o desespero no país após o gol espanhol e não se envergonha de utilizar uma imagem que neste começo de século XXI certamente seria alvo da patrulha do politicamente correto. “Setenta e cinco milhões de brasileiros precisavam mais do gol que todo o Nordeste de água e pão”.<sup>46</sup>

O dramaturgo também estabelece uma original relação entre oralidade e escrita. O texto de Nelson Rodrigues é precedido pela oralidade, o que insere na consciência do leitor a percepção de que aquelas pequenas letras existiram anteriormente como elemento oral. Além disso, o receptor da mensagem fica com a certeza de que aquela crônica deve ser lida em voz alta. Nelson se tornou o precursor da linguagem coloquial no jornalismo esportivo. Um de seus sucessores mais ilustres, o gênio da oralidade João Saldanha, cujo texto precisava ser revisado com máxima atenção pelos copidesques, será estudado ao longo do trabalho. No jornalismo do século XXI, como será analisado, a oralidade passa a ser vista com desconfiança e colunistas

---

<sup>45</sup> Rodrigues, N: 1993: p.63

<sup>46</sup> Rodrigues, N: 1993: p. 87

esportivos empregam até termos pomposos e quase desconhecidos dos leitores. Como exemplo desse estilo de Nelson, há uma crônica em que o escritor “pensa alto” no primeiro parágrafo.

Eu ia começar esta crônica dizendo o que mesmo? Ia dizer que nada mais antigo do que o passado recente. Perdão. Não é bem isso. O que eu queria dizer é que ninguém enxerga o óbvio. Poderão objetar que já escrevi isso umas duzentas vezes. Ai de mim, ai de mim. Não sinto nenhum escrúpulo, nenhum pudor de me repetir.<sup>47</sup>

Entre os ingredientes que formavam a receita da oralidade em Nelson Rodrigues, está a presença do riso como componente vital. Segundo o lingüista russo Mikhail Bakhtin, o riso provoca a aproximação do oposto, e a ironia destrói a pesada oração enfática do discurso. Esses objetivos eram atingidos fielmente por Nelson.

Pela paródia e pelo riso invertem-se posições previamente fixadas, rompem-se fronteiras e contamina-se o inimigo, incorporando-o e, ao mesmo tempo, deixando-se por ele incorporar, numa promiscuidade geradora que embaça as diferenças e as configurações definidoras, desnudando o outro de sua couraça impermeável.<sup>48</sup>

Nas crônicas do Nelson, há outra genialidade que jamais foi igualada por outro jornalista esportivo: a acuidade na criação de personagens. A mais famosa delas foi o Sobrenatural de Almeida, responsável por fatos inexplicáveis nos jogos de futebol.

Entro na redação e sou avisado: “Tem aí um cara te esperando”. Digo, tirando o paletó: “Manda entrar”. Era o abominabilíssimo Sobrenatural de Almeida. É duro começar o trabalho com tão tenebrosa visita. Todavia, a natureza deu ao homem, para essas ocasiões, um cinismo impressionante. (...) E, instalado na redação, o Sobrenatural de Almeida começa a falar: “Tens visto a minha atuação?”. (...) E, então, depois de limpar um pigarro, de estufar o peito magro, diz ele patético: “Eu venci o Fla-Flu! Eu!”. Houve um suspense. Sobrenatural de Almeida dá um risinho de Chaliapine em *Mefistófeles*. “Ou não percebeste a minha influência no placar?”. (...) Por delicadeza, esperei que o miserável fizesse a sua autopromoção. E, então, mexendo o açúcar, o abjeto cidadão contou, para nosso espanto, a sua vil ação contra o Fluminense.<sup>49</sup>

<sup>47</sup> Rodrigues, N: 1993: p.135

<sup>48</sup> Bakhtin, M: 1992: p. 77

<sup>49</sup> Rodrigues, N *apud* Pinto, LF: 2005: p. 159



Para não dizer que o texto de Nelson Rodrigues é perfeito, pode-se lembrar que ele foi um dos responsáveis pela consolidação do machismo no meio futebolístico. Uma de suas mais conhecidas personagens era a grã-fina das narinas de cadáver, que chegava ao estádio e perguntava quem era a bola. Mas a questão principal no que tange ao afastamento das mulheres do esporte era a defesa que Nelson fazia com unhas e dentes da virilidade no futebol. Há textos até com apologia à violência, outra característica que não aparece no jornalismo contemporâneo – felizmente. Exemplo claro se encontra na crônica que aborda a briga generalizada no jogo entre Brasil e Uruguai no Sul-Americano de 1959 – no trecho, Nelson tenta justificar as agressões através de sua erudição, com citações ao poeta e romancista escocês Walter Scott e ao pintor espanhol Diego Velázquez.

Foi uma página de Walter Scott. O próprio Chinesinho, com o seu tamanho de anão de Velázquez, levou e deu bordoadas. Lindo, lindo, foi quando Didi tomou distância e saltou. Por um momento ele se tornou leve, elástico, acrobático. E enfiou duas chuteiras em flor na cara do inimigo. Quando parou a guerra e continuou o jogo, demos um banho de bola.<sup>50</sup>

Em sua obra *O futebol em Nelson Rodrigues*, José Carlos Marques insere as crônicas esportivas do dramaturgo no contexto do neobarroco, que, segundo o autor, é um conceito utilizado para “definir as características de uma cultura miscigenada na América Latina, sempre apta a digerir e opor-se às hegemonias dominantes no continente desde o período colonial”.<sup>51</sup>

Os traços marcantes do neobarroco presentes em Nelson, de acordo com Marques, são os mecanismos que compõem o processo de artificialização do supracitado estilo literário: *substituição*, *proliferação* e *condensação*. Atinge-se o primeiro por meio das metáforas, utilizadas com maestria pelo autor de *Toda nudez será castigada*. “Houve uma vez em que Henrique, cara a cara com Castilho, despejou uma bomba de hidrogênio, cobalto, sei lá”.<sup>52</sup> A *proliferação* aparece com frequência nas crônicas de Nelson, por meio das acumulações de gradações e enumerações que agem metonimicamente. “Não há torcida como a do Fluminense. Temos tudo. Há ministros na massa tricolor; paus-de-arara; e grã-finas; e marias-cachuchas; e

<sup>50</sup> Rodrigues, N: 1993: p.102

<sup>51</sup> Marques, JC: 2000: p. 96

<sup>52</sup> Rodrigues, N: 1958 *apud* Marques, JC: 2000: p. 98

presidentes; e veterinários; e criouloões”.<sup>53</sup> Finalmente, a *condensação* é uma das características mais peculiares de Nelson. Ela produz a fusão de dois significantes que fazem surgir um terceiro termo. Nenhum jornalista brasileiro criou neologismos tão conhecidos quanto o “Sobrenatural de Almeida” ou o “óbvio ululante”. Quando a comparação é feita com o que vemos atualmente nos cadernos de esportes dos jornais, percebe-se a falta que faz a criatividade de um gênio a serviço do futebol.

#### 4.2. A fera das crônicas

Em plena ditadura militar, o mais importante cronista esportivo brasileiro tinha orgulho de sua filiação ao Partido Comunista. O gaúcho João Alves Saldanha, que se apaixonou pelo Botafogo assim que chegou ao Rio de Janeiro, em 1930, chegou a viver na clandestinidade por sete anos – entre 1949 e 1956 – como dirigente do PCB. Quando retornou ao convívio do clube de General Severiano, Saldanha aceitou o convite para treinar o Alvinegro. O sucesso o levou ao jornalismo, atividade que iniciou em 1960. Ninguém soube expressar melhor do que ele a voz dos torcedores. João Saldanha gostava de dizer que levou para o rádio, o jornal e a televisão “a conversa do botequim da Miguel Lemos”, em referência à rua de Copacabana. “Ele falava e aquela crônica oral era a crônica que ele escrevia no outro dia. Todo mundo entendia o João Saldanha”.<sup>54</sup>

A passagem para o jornalismo logo se revelou uma tacada de mestre, e Saldanha se tornou o melhor comentarista esportivo do rádio brasileiro, na opinião de Villas-Bôas Corrêa, um de seus contemporâneos nas redações cariocas.<sup>55</sup> Nos jornais, “João sem medo” (apelido dado por Nelson Rodrigues) também deixou sua marca, apesar de seus problemas com a Língua Portuguesa, como mostra outro de seus colegas, Luiz Mendes. “O jeito de ele escrever era muito simples, (...), ele não pontuava muito bem. No jornal, tinha aquele pessoal do copidesque, que fazia a correção (...). Agora, ele era talentoso, tinha imagens maravilhosas, conhecia muito o futebol”.<sup>56</sup> O talento era tamanho que, em 1969, Saldanha assumiu o comando da seleção brasileira.

<sup>53</sup> Rodrigues, N: 1994 *apud* Marques, JC: 2000: p. 107-108

<sup>54</sup> Vilarinho, C: *in* Milliet, R: 2006: p. 301

<sup>55</sup> Corrêa, VB: 1990 *apud* Milliet, R: 2006: p. 27

<sup>56</sup> [http://www2.uerj.br/cte/download/luiz\\_mendes.pdf](http://www2.uerj.br/cte/download/luiz_mendes.pdf), acessado em 10/10/2006

A dificuldade de Saldanha com a gramática era notória, mas engana-se quem enxerga ignorância no cronista. Ele se tornou um dos precursores da análise tática do futebol, mas sem a chatice teórica vista em jornais deste começo de século XXI. Um texto publicado pelo jornalista em 1968 antevê uma discussão sobre a versatilidade dos jogadores que continuaria a ser debatida quase quarenta anos depois.

Hoje, o futebol evolui a passos gigantesco. (...) Um jogador para ser eficiente tem de saber jogar em várias posições. Tem que saber defender e atacar, e qualquer sistema moderno que pretenda ser eficiente tem de compreender que não pode ser rígido. Estamos mais do que nunca precisando disto. O futebol é arte popular. Não podemos continuar atrasados.<sup>57</sup>

Preste atenção à penúltima frase do trecho acima. “O futebol é arte popular”. Toda a obra de João Saldanha, estudioso dos mais consagrados textos da esquerda mundial, coloca-se em torno dessa afirmação fundamental. Nesse momento, alinham-se o político e o esportista. Saldanha abominava o desprezo pela cultura popular e enxergava no apaixonante jogo uma possibilidade educativa que a convivência comunitária poderia proporcionar. “O futebol em nosso país é um fator básico para as classes populares em sua cultura e auto-afirmação. Mas, como qualquer fenômeno da vida social, é contraditório, e suas contradições estão relacionadas com a nossa sociedade”.<sup>58</sup>

Enquanto elaborava seus textos, o cronista sempre tinha em mente o pensamento de “arte popular”. É por isso, por exemplo, que piadas e situações do cotidiano são recorrentes em suas crônicas. Em 1970, Saldanha entrou em polêmica porque garantia que Garrincha disputara diversas partidas sob efeito de infiltrações no joelho. O problema surgiu quando o jornalista assegurou que o craque levara a injeção num jogo em Montevideu, o que não acontecera. A seu estilo e a gosto dos leitores, o cronista calou os críticos com uma antiga piada do marido traído.

É que nem aquela história do Palhares, que caiu na asneira de dizer a seu melhor amigo: “Olha, vi tua mulher abraçada com um cara na poltrona da tua sala”. Passaram-se dois dias e o Palhares, feroz, retrucou ao amigo: “Você é um canalha e mentiroso”. (...) averigüei tudo. Não foi na poltrona. (...) O que se passou aconteceu no sofá, sabia seu mentiroso? E aquele sofá não presta. (...) Minha

<sup>57</sup> Saldanha, J: 1968 in Milliet, R: 2006: p. 23-24

<sup>58</sup> Saldanha, J: 1983 in Milliet, R: 2006: p. 264

mulher detesta aquele sofá. A base da vida conjugal é a compreensão mútua e a concessão.

Você tem razão, Clóvis Filho. Não foi na poltrona que trumbicaram o Garrincha. A injeção no joelho foi em Paris.<sup>59</sup>

Piadas assim atingiam em cheio o público-alvo de João Saldanha. Ele gostava de utilizar também situações do cotidiano em seus textos sobre futebol, como na crônica de 1970 em que analisa o amistoso entre Brasil e Chile. A leitura se torna fácil até para quem não é fanático por futebol, mas vive as agruras do dia-a-dia narradas com maestria pelo jornalista.

Os chilenos apareceram modestos e trancados. O socorro poderia vir de trás (...). A posição fechada de Paulo César impedia tudo. Assim como um Volkswagen que bate na avenida Rio Branco às 18h30. O único remédio é ou tirar o Fusca da avenida, ou dar a volta pela Perimetral. Mas às vezes o socorro do Departamento de Trânsito leva mais de noventa minutos para aparecer e aí acaba o jogo.<sup>60</sup>

João Saldanha teve outra faceta adorada pelos leitores. Ele foi um dos maiores frasistas da história da crônica esportiva nacional. Algumas de suas pérolas continuam atuais e são ouvidas aos quatro cantos do país. Entre suas criações mais famosas, estão: “Se macumba ganhasse jogo, o Campeonato Baiano terminaria empatado”; “Campo de futebol não é loteamento. Ninguém pode ter posição fixa”; “Se concentração ganhasse jogo, o time da penitenciária não perdia um”; “Na verdade, o futebol é uma grande zona do agrião”.<sup>61</sup>

Para entender o jornalista João Saldanha, vale a pena recorrer mais uma vez a Mikhail Bakhtin. O cronista tinha no humor seu principal ponto de apoio. Mas cabe a ressalva de que não se trata de produzir um riso puramente satírico, mas de um humor que se transmuta em *riso carnavalesco*, que quebra a hierarquia do discurso oficial e impede que o sério se imponha, pelas mãos dos dominadores.

O riso carnavalesco é em primeiro lugar patrimônio *do povo* (...); *todos* riem, o riso é “geral”; em segundo lugar, é *universal*, atinge a todas as coisas e pessoas (...), o mundo inteiro parece cômico e é percebido e considerado no seu aspecto jocoso, no seu alegre relativismo; por último, esse riso é *ambivalente*: alegre e cheio de

<sup>59</sup> Saldanha, J: 1970 in Milliet, R: 2006: p. 143

<sup>60</sup> Saldanha, J: 1970 in Milliet, R: 2006: p. 138

<sup>61</sup> Saldanha, J in Milliet, R: 2006: p. 74-75

alvoroço, mas ao mesmo tempo burlador e sarcástico, nega e afirma, amortalha e ressuscita simultaneamente.<sup>62</sup>

Uma rápida análise das crônicas de Saldanha, com as piadas e situações do cotidiano supracitadas neste trabalho, mostra que a obra do jornalista se encaixa com perfeição nessa definição de *riso libertador* elaborada por Bakhtin.

#### 4.2.1 O técnico-jornalista à frente da Seleção

Além de sua extraordinária capacidade de comunicação, João Saldanha se tornou conhecido do povo brasileiro também por causa de sua passagem no cargo de técnico da seleção brasileira, entre fevereiro de 1969 e março de 1970. Após o pedido de demissão do dirigente paulista Paulo Machado Carvalho do comando da comissão técnica, o então presidente da Confederação Brasileira de Desportos, João Havelange, se viu obrigado a escolher um nome do Rio para substituir Aymoré Moreira – aliado de Paulo Machado – como técnico.<sup>63</sup> Sem maiores alternativas, o cartola escolheu o comunista João Saldanha, apesar da radicalização política – a nomeação foi feita dois meses depois da publicação do Ato Institucional número cinco. A escolha deixou furiosa a imprensa paulista<sup>64</sup> e foi saudada pelos principais nomes dos jornais cariocas, como Nelson Rodrigues.<sup>65</sup>

A primeira entrevista coletiva de Saldanha à frente da Seleção tornou-se a mais marcante já dada por um técnico do escrete canarinho. Ele tirou um papelzinho do bolso e anunciou, um ano e meio antes da Copa de 1970: “Estes serão meus onze titulares: Félix, Carlos Alberto, Djalma Dias, Brito, Rildo, Wilson Piazza, Gérson, Jairzinho, Dirceu Lopes, Pelé, Tostão”.<sup>66</sup> Em seguida, o treinador, lendo o mesmo surrado papel, revelou os onze reservas. A Seleção que jogaria a Copa do México estava definida, para delírio da imprensa, que apelidou a equipe de “As feras do Saldanha”.

O treinador comandou a Seleção em onze partidas, com dez vitórias e uma derrota. Sob seu comando, o time liderado por Pelé empolgou a população e foi visto pelo maior público

---

<sup>62</sup> Bakhtin, M: 2006: p. 10

<sup>63</sup> Cardoso, T e Rockmann, R: 2005: p. 306

<sup>64</sup> Cardoso, T e Rockmann, R: 2005: p. 307

<sup>65</sup> Rodrigues, N: 1993: p. 142

<sup>66</sup> Saldanha, J: 1970 in Milliet, R: 2006: p. 76

pagante da história do Maracanã: 183.341 pessoas, na vitória por 1 a 0 sobre o Paraguai, em 31 de agosto de 1969.

Apesar do bom retrospecto, Saldanha se envolveu em polêmicas, ao dizer, por exemplo, que Pelé era míope, comentário que foi negado pelos médicos. Além disso, a política entrou em campo. O então presidente da República, Emílio Médici, pediu a convocação do atacante Dario e ouviu uma resposta típica de Saldanha. “Eu não escalo o Ministério, então ele não escala a Seleção”. Prevendo sua demissão, o treinador aceitou o convite das Organizações Globo para voltar à imprensa e, durante um mês, viveu a até então inédita experiência de ser técnico da Seleção e cronista simultaneamente. O estilo foi mantido e o técnico dava satisfações à torcida através de sua coluna no jornal *O Globo*. “Esclareço outra vez a questão do capitão da Seleção. (...) Como o Carlos Alberto andou sendo expulso umas três ou quatro vezes, tenho de arrumar outro”.<sup>67</sup>

Depois da demissão, ocorrida no dia 17 de março, Saldanha escreveu duas colunas para tentar explicar os motivos de sua queda. Numa delas, ironizou João Havelange, que, um dia antes da demissão, dissera que não permitiria a saída do técnico, mesmo se o jornalista quisesse deixar o cargo. “Se não fosse um marido fiel, palavra que eu deixava a Teresa e casava com ele”.<sup>68</sup>

A vida de João Saldanha, na política, no esporte ou em qualquer outro campo, pode ser resumida em uma palavra: paixão. No assunto que tange a este trabalho, o jornalista transbordava paixão em seus textos. É esse mesmo sentimento que tanta falta faz na crônica esportiva quase vinte anos após a morte do treinador – ele faleceu em 1990, na Itália, enquanto cobria a Copa do Mundo pelo *Jornal do Brasil*. Naquela ocasião, o futebol perdeu seu maior amante, um apaixonado incondicional, que defendia seu amor com unhas, dentes e garras, de uma forma que só uma verdadeira fera das crônicas conseguiria fazer.

### 4.3. Um marquês ultra-romântico

Nascido em Xapuri, interior do Acre, Armando Nogueira tinha poucas chances de seguir uma carreira profissional que lhe permitisse obter reconhecimento nacional. Mas ele contrariou as probabilidades, viajou para o Rio de Janeiro com o intuito de ser jornalista e aproveitou as chances que lhe foram dadas. Armando Nogueira cobriu todas as Copas do Mundo desde 1950 e,

<sup>67</sup> Saldanha, J: 1970 in Milliet, R: 2006: p. 102

<sup>68</sup> Saldanha, J: 1970 in Milliet, R: 2006: p. 123

neste ano de 2006, é o cronista esportivo vivo e ainda em atividade mais consagrado do Brasil. Sua carreira não se resumiu ao futebol, uma vez que ocupou durante longo tempo o cargo de diretor de jornalismo da *TV Globo*, emissora de maior audiência do Brasil. Com seu sucesso, Armando pôde, a partir do começo da década de 1990, dedicar-se exclusivamente ao seu amor maior e original: as crônicas esportivas.

Armando inaugurou e – até agora – encerrou um estilo, porque ainda não apareceu um digno sucessor. Só ele conseguiu produzir crônicas esportivas em linguagem literária de boa qualidade. Nos cadernos de esportes dos jornais deste país, nunca apareceu um estilista como o Marquês de Xapuri, apelido que recebeu por causa de sua cidade natal e também por sua aparência de nobreza, como definia Nelson Rodrigues. “Ora o Armando é um lúcido, um sensível e, sobretudo, um justo. O Otto Lara Resende vai mais longe e jura que esse nobre confrade é o único pastor protestante escocês que jamais existiu”.<sup>69</sup> De estilos diferentes, Armando e Nelson se tornaram próximos – o Marquês era um dos amigos que descreviam os detalhes do jogo para o quase cego dramaturgo. Armando conta que não foram poucas as vezes em que ambos estavam na tribuna de imprensa do Maracanã e, assim que o juiz encerrava o jogo, Nelson se aproximava: “E aí, amigo, o que nós achamos deste jogo?”.

Quando se trata do estilo das crônicas de Armando, a definição mais entusiasmada pertence ao escritor Sérgio Augusto.

Muitos lamentam que Machado de Assis não tenha sido contemporâneo da popularização do futebol entre nós. (...) Há tempos me pergunto se realmente precisamos lastimar o desencontro de Machado com o futebol tendo um estilista como Armando Nogueira de olho no gramado. *Na grande área*, sua legendária coluna no *Jornal do Brasil*, desde o início foi lida, com interesse e admiração, até por gente pouco ligada no dia-a-dia esportivo. Como o Paulo Francis, por exemplo, que a considerava “uma aula de português e uma experiência estética”.<sup>70</sup>

Goste-se ou não do estilo de Armando Nogueira – José Carlos Marques, por exemplo, considera a narrativa do jornalista “ultra-romântica, beirando um certo sentimentalismo”<sup>71</sup> – há de se reconhecer que Armando sai da mesmice, o que é sempre positivo no repetitivo mundo do jornalismo esportivo. Em 8 de outubro de 2006, o veterano jogador Edmundo, do Palmeiras, teve

<sup>69</sup> Rodrigues, N: 1993: p.103

<sup>70</sup> Nogueira, A: 2003: p. 7-8

<sup>71</sup> Marques, JC: 2000: p. 87

bela atuação na vitória de seu time sobre o Flamengo por 3 a 1. Enquanto seus colegas de crônica exaltavam apenas as duas jogadas mais chamativas do atacante, Armando enxergou ali a senha para produzir um quase-romance em sua coluna. Intitulada *Prazer em conhecê-lo, Edmundo*, a crônica trata menos do jogador e mais de André, um menino de 12 anos que, até assistir à exibição de Edmundo, interessava-se mais por surfe do que por futebol, para desgosto do pai palmeirense. “Depois do jogo, o Brandão (pai de André) me telefona pra dizer que, jogando o que jogou, o Edmundo acabou dando uma mãozinha à catequese dele. De noite, o André só falava no Edmundo”.<sup>72</sup>

No canal a cabo *Sportv*, em que atualmente trabalha, Armando Nogueira só é tratado pelos colegas como “mestre”. Percebe-se a pertinência do epíteto quando se observa, por exemplo, a maneira original como o jornalista descreve um belo gol marcado pela seleção brasileira na Copa de 2002.

O solo de Ronaldinho principiou no centro do campo. A aceleração, a ginga de corpo, a bola dominada a seus pés, a seqüência de dribles e de fintas, a criação de novo espaço, a cada passo – enfim, tudo lhe saiu à perfeição. Um verdadeiro poema que culminaria no passe cristalino. Puro feitoço. Só faltou, mesmo, uma trilha sonora de Pixinguinha.<sup>73</sup>

Armando produz com rara propriedade, também, o raciocínio indutivo, uma das características mais necessárias a um jornalista. Com ela, o profissional consegue, ao enxergar um acontecimento em particular, visualizar onde ele se insere no plano geral. Uma afirmação infeliz de um jogador, por exemplo, pode tornar-se uma bela crônica sobre o modo de construção do gol no futebol.

Não há como deixar passar em brancas nuvens essa história de jogador não celebrar gol por ele feito no time do seu coração. Foi o caso, já discutido, do jogador Galeano, volante do Botafogo que, antes de pegar o Palmeiras, soltou esse primor de inconveniência: se, por acaso, fizesse ele um gol contra seu ex-time, preferia não comemorar. (...)

Vejo uma grande distorção nessa história de gol: sendo o futebol um jogo coletivo, parece indiscutível que o gol será, sempre, obra de todos e não de um só. A bola de um gol, quando chega aos pés do artilheiro, vem banhada do suor de mais dez companheiros.

<sup>72</sup> Nogueira, A: 11/10/2006: p.28

<sup>73</sup> Nogueira, A: 2003: p. 109-110



Portanto, não é um caso de autoria e sim de co-autoria. O gol é uma glória compartilhada. A exaltação do goleador é uma espuma feita em detrimento do resto da equipe.<sup>74</sup>

Um texto perfeito gramaticalmente, chamado por muitos de literário, pode ser confundido com um estilo antipopular. Não é o caso de Armando Nogueira, que exprime como poucos a emoção sentida num campo de futebol. Na semana da decisão do Campeonato Brasileiro de 2002, os jornais discutiam apenas as maneiras que os técnicos encontrariam para barrar as principais jogadas do adversário. Mais uma vez, o Marquês de Xapuri se tornou uma voz dissonante e, no dia da partida, escreveu uma crônica sobre a expectativa de todo amante de futebol em relação a uma final.

Os acadêmicos pesam, pensam, medem, somam, subtraem, mergulhados na aritmética dos times em confronto: o Santos é isso, o Corinthians é aquilo, o Santos intui, o Corinthians reflete, o Santos é vertical, o Corinthians, horizontal. Três-quatro-três, quatro-três-três, nove fora... nada vezes nada. E sabes tu por que, amigo: final é mais que uma bola a rolar, é mais que corpos a transpirar pelo campo. Final é transbordamento. Final é transcendência. É a alma que plasma o campeão.<sup>75</sup>

Armando Nogueira insere no contexto do futebol o famoso “jeitinho brasileiro”, expressão consagrada por antropólogos para denotar a facilidade com que os habitantes deste país saem de situações difíceis. O jeitinho às vezes é praticado de forma nociva para a sociedade, com requintes até de desonestidade. No futebol, porém, ele aparece de forma positiva, na genialidade do jogador brasileiro, que decide jogos e campeonatos mesmo com a equipe em dificuldade. Segundo Armando, foi isso que aconteceu na Copa de 2002. O jornalista nunca se encantou com a equipe comandada pelo técnico Luiz Felipe Scolari, conhecido por armar fortes defesas, mas caiu de amores pelas jogadas de Ronaldinho, Rivaldo e Ronaldo no Mundial disputado no Japão e na Coréia do Sul.

Passei a Copa inteira dividido entre dois pensamentos: ora, acreditava, logo depois, duvidava. A seleção sempre me surpreendia, alternando bons e maus momentos. Desconjugada coletivamente e, de repente, luminosa, individualmente.

---

<sup>74</sup> Nogueira, A: 2003: p. 141-142

<sup>75</sup> Nogueira, A: 2003: p. 162

Felizmente, o que sempre acaba salvando a pátria é o jeitinho brasileiro, essa irresistível parábola da alma do nosso povo.

(...) Pro bem do futebol, fez-se a luz em duas jogadas soberbas de Rivaldo, que até então era uma sombra em campo. (...) Contra a luz do segundo gol que ofereceu a Ronaldo a chance de marcar, entra na história da Copa como a mais reluzente jóia da coroa do penta. É a faísca do craque. É o jeitinho brasileiro de ser feliz.<sup>76</sup>

O texto desse inusitado marquês, vindo da longínqua Xapuri é, da mesma maneira, uma das jóias da coroa do jornalismo esportivo brasileiro. A faísca de um craque das palavras.

---

<sup>76</sup> Nogueira, A: 2003: p. 191-192

## 5. A EMOÇÃO SAI DE CAMPO E DA REDAÇÃO: TOSTÃO, JUCA KFOURI E FERNANDO CALAZANS

Conforme abordado no capítulo três deste trabalho, as crônicas esportivas se tornaram burocráticas e pouco emocionantes nas últimas duas décadas, principalmente depois da saída de cena dos maiores ídolos do esporte. O último mito, para torcedores e jornalistas, foi Zico. Ídolo do clube mais popular do Brasil, o Flamengo, ele contou com seu extraordinário talento e com extrema benevolência da imprensa para ganhar fama mundial. Não são poucos os torcedores rubro-negros que se referem a ele como “Deus”.

Para explicar melhor como os textos perderam emoção, este capítulo analisará as crônicas de três dos jornalistas mais representativos da atualidade, cada um à sua maneira: Tostão, Juca Kfour (ambos colunistas da *Folha de S. Paulo*) e Fernando Calazans, que escreve no jornal *O Globo*.

A qualidade do texto dos três é indiscutível e não será colocada em questão aqui. A escolha desses jornalistas deveu-se justamente ao sucesso que obtiveram em suas carreiras. O que se levará em conta nesta parte do trabalho é a análise do estilo de cada um, enfatizando a enorme diferença entre as crônicas estudadas neste capítulo e aquelas analisadas no capítulo quatro, sobre os antigos cronistas.

### 5.1. Craque e comentarista: “mais técnico do que poético”

Um dos melhores jogadores da seleção campeã da Copa de 1970, e tantas vezes exaltado nos textos da “velha guarda” da imprensa esportiva, Tostão optara pela reclusão após a precoce aposentadoria, decorrente de problemas no olho, em 1973, quando tinha apenas 26 anos. Meses depois da saída definitiva dos gramados, ele entrou na faculdade de Medicina. Os vinte anos seguintes foram de trabalho no consultório, afastado do ambiente futebolístico. “O futebol é um meio de desilusões, ingratidão e pobreza”<sup>77</sup>, disse Tostão, em rara entrevista nos anos 1980. Em 1994, a volta triunfal: o ex-craque surpreendentemente aceitou o convite de Luciano do Valle para comentar pela *TV Bandeirantes* a Copa do Mundo daquele ano. O reencontro foi perfeito: com inteligência acima da média, Tostão tomou gosto pelo trabalho e tornou-se um dos principais analistas de futebol do Brasil. Neste ano de 2006, o ex-craque escreve uma coluna bissemanal

---

<sup>77</sup> <http://www.gazetaesportiva.net/idosol/futebol/tostao/reclusao.htm>, acessado em 14/11/2006

para a *Folha de S. Paulo*, publicada também por outras dezenas de jornais em doze estados brasileiros, com particularidade surpreendente. “Escrevo e reescrevo à mão. Quando acho que está mais ou menos pronto, um rapaz, estudante de Jornalismo, passa a limpo no computador. Sou um analfabeto tecnológico. Mas disso, é claro, eu não me orgulho nem um pouco”<sup>78</sup>, revelou Tostão, em entrevista concedida à *Revista AOL* em maio de 2005.

O estilo da coluna de Tostão é definido pelo próprio cronista, na orelha do livro *A ginga e o jogo*, que reúne textos de Armando Nogueira, um dos jornalistas analisados no capítulo quatro desta monografia. Após elogiar o veterano homem da imprensa brasileira, Tostão diz ser incapaz de escrever textos como os de Armando, numa afirmação que pode resumir, grosso modo, as mudanças ocorridas no jornalismo esportivo tratadas por este trabalho.

Sinto pelo Armando um pouco de inveja e grande admiração. Uma inveja gostosa, que serve de estímulo e de imaginação. Queria também ver o futebol mais com o olhar de um poeta e apreciador do espetáculo. Mas, como sou ex-jogador, metido a entender de detalhes técnicos e táticos, *tenho um olhar mais técnico do que poético* (grifo meu).<sup>79</sup>

A frase grifada trata do ponto central desta monografia. É necessário e elogiável que os jornais brasileiros publiquem colunas de gente como Tostão, ex-craque que conhece tudo o que se passa dentro do campo e explica os detalhes técnicos e táticos das partidas aos leitores. O problema surge quando se percebe que os cronistas com olhar “poético” simplesmente desapareceram da imprensa. Não se consegue achar uma só coluna que trate de aspectos mais lúdicos do futebol, com ênfase quase dramática à atuação do jogador ou de todo o time na partida.

Tostão consegue transmitir com clareza conceitos táticos que normalmente são tratados com aridez que desnorreia e confunde os leitores. Em uma de suas primeiras colunas durante a Copa do Mundo de 2006, o cronista abordou uma novidade tática que podia ser vista nas seleções que disputavam o troféu da competição realizada na Alemanha: o lateral-zagueiro. A expressão, por si só, não explica nada, mas o didático ex-craque trata o assunto com simplicidade e aborda as qualidades e defeitos dessa nova posição no campo de futebol, para tornar a discussão acessível para seu público.

<sup>78</sup> <http://www.aol.com.br/revista/materias/2005/0077.adp>, acessado em 15/11/2006

<sup>79</sup> Tostão in Nogueira, A: 2003: orelha

O lateral-zagueiro virou moda na Europa. Ele só marca. A Argentina também escalou um zagueiro (Burdisso) na lateral direita no jogo contra a Costa do Marfim. Prefiro o jeito brasileiro de avançar, alternadamente, os dois laterais. Somente se justifica ter um lateral-zagueiro se o adversário tiver do mesmo lado um jogador veloz e habilidoso.<sup>80</sup>

Durante a Copa, a ênfase de Tostão na parte tática das equipes ficou bastante clara. Enquanto a maioria de seus colegas escrevia sobre os poucos destaques individuais da competição, o colunista da *Folha* decifrava como as outras seleções – quase todas desconhecidas dos brasileiros – armavam seus times. Na primeira fase, o ex-craque mostrou seu talento como cronista ao explicar em poucas linhas o sucesso de três times que haviam encantado os torcedores nos primeiros jogos: Espanha, Portugal e Argentina.

Portugal e Espanha, nos dois jogos, e Argentina, no segundo, mostraram um futebol bonito, veloz e de toque de bola. Portugal tem três excelentes meias que atacam e defendem (Cristiano Ronaldo e Figo pelos lados e Deco pelo meio), além de um centroavante (Pauleta). Figo e Ronaldo trocam muito de posição. Deco já é um dos grandes jogadores do mundo, e Ronaldo poderá ser também após o Mundial ou nos próximos anos. Figo, que já foi eleito o melhor do mundo, voltou a jogar bem.

A Argentina, que mostrou um futebol excessivamente cadenciado no primeiro jogo, deu um show na goleada por 6 a 0 em Sérvia e Montenegro. Os volantes atuaram mais à frente, e o time ficou mais ofensivo. (...) A grande qualidade do time espanhol está no meio-campo, com os excelentes volantes Xabi Alonso e Xavi, além de um terceiro armador que deveria ser Iniesta ou Fabregas.<sup>81</sup>

Outro bom exemplo do amplo conhecimento de Tostão sobre o futebol foi a coluna escrita no dia de um dos jogos mais esperados da Copa: o confronto entre Alemanha e Argentina, válido pelas quartas-de-final. As duas seleções eram consideradas favoritas ao título antes do Mundial e vinham confirmando as expectativas, mas apenas uma delas continuaria viva após aquela partida disputada em 30 de junho.

A Alemanha tem um pouco mais de chance do que a Argentina. A Alemanha atua com quatro defensores, um volante mais recuado,

---

<sup>80</sup> Tostão, 13/06/2006: p. D3

<sup>81</sup> Tostão, 12/06/2006: p. D3

uma linha de três armadores e mais dois atacantes, que se movimentam muito no ataque. O armador Ballack se aproxima muito da área para finalizar, uma de suas principais qualidades. A Argentina tem atuado com quatro defensores, três volantes e mais o Riquelme na ligação com os dois atacantes. Dos volantes, Maxi Rodríguez é o que mais avança e finaliza. A Argentina vai tocar bastante a bola, tentar anular a pressão da Alemanha e ganhar a partida nas jogadas rápidas, aproveitando a lentidão dos dois zagueiros. Para isso, será necessário, pelo menos, um atacante mais hábil, além de veloz, como Tevez e Messi. Os titulares têm sido Saviola (só é rápido) e o lento Crespo.<sup>82</sup>

O jogo se desenrolou exatamente da maneira prevista pelo cronista. Como esperado por Tostão, o técnico argentino, José Pekerman, mudou seu ataque para dar-lhe mais habilidade – Tevez foi titular e Saviola ficou no banco – e, assim, a Argentina anulou a pressão alemã. A equipe sul-americana marcou o primeiro gol do jogo e, quando a vitória parecia certa, os europeus utilizaram as qualidades descritas pelo cronista para conseguir o empate. Numa jogada que contou com a participação importante de Ballack perto da área adversária, o atacante Klose – um dos que “se movimentam muito” – desvencilhoun-se da marcação adversária e fez o gol de cabeça. Na disputa por pênaltis, a Alemanha venceu e confirmou a análise de Tostão, segundo a qual a equipe anfitriã da Copa do Mundo tinha um pouco mais de chances de vencer a partida.

A arguta análise prévia ao jogo entre Alemanha e Argentina comprova a pertinência das colunas de Tostão. É notório que os cronistas da atualidade estão mais bem-preparados do que os de outrora, mas o problema reside em outro ponto: na frieza dos textos. Para ilustrar melhor isso, mostrarei agora duas crônicas de tempos diferentes, mas que possuem semelhanças. Ambas tratam de estreias da seleção brasileira em Copas do Mundo. Nos dois casos, o Brasil venceu a partida, mas não empolgou, e posteriormente perdeu o Mundial. A primeira foi escrita por Tostão, no dia da vitória por 1 a 0 sobre a Croácia, em 2006.

Ao entrar no belo e antigo estádio de Berlim, construído em 1936, lembrei das imagens de Hitler na tribuna de honra. (...) Esses lugares representam a expiação, a consciência moral do povo alemão. O estádio está lindo nesse momento que antecede o jogo. Camisas amarelas e vermelhas e brancas tomam conta de todos os lugares. Estou tão arrepiado quanto ficava antes das partidas que jogava pela seleção em uma Copa do Mundo. (...)

Com exceção da boa marcação da defesa, facilitada pela lentidão do ataque da Croácia, das boas defesas de Dida e do belo gol de

---

<sup>82</sup> Tostão, 30/06/2006: p, D3

Kaká, o time brasileiro teve uma discreta atuação, até certo ponto esperada para uma estréia na Copa. Deu para o gasto.<sup>83</sup>

A segunda é da lavra de Nelson Rodrigues, publicada no dia seguinte ao triunfo sobre a Bulgária por 2 a 0, em 1966. Repare a diferença no estilo dos colunistas, que representam bem seu tempo. Em Tostão, a emoção se resume ao momento de entrar no estádio, bem diferente de Nelson.

Amigos, ontem foi um dia santo. O escrete do Brasil fazia a sua primeira audição na Inglaterra. Eu vos direi que a rainha devia ter comparecido ontem, e não na véspera. Pois o divino Pelé jogou como se todos ali fossem rainhas. (...) Jogamos com a Bulgária e a vencemos. Ainda bem que não foi uma goleada. Aprendemos em 50 que nada embriaga mais do que o vinho dos escores frenéticos. Os 2 x 0 chegam para a nossa alegria e a nossa fé. (...) Eu dizia e repito: – só um débil mental de babar na gravata terá coragem de duvidar do escrete!<sup>84</sup>

Vale lembrar que o “escrete” exaltado por Nelson perdeu os dois jogos seguintes que disputou na Copa da Inglaterra e voltou para o Brasil com o peso de um dos maiores vexames da história do futebol nacional. A seleção de 2006 ainda venceu outras três partidas antes de ser eliminada pela França (mais sobre esse assunto no capítulo sete).

Os dois trechos destacados permitem comparação mais detalhada dos discursos do antigo e do novo cronista. Em Nelson, percebe-se como a interação com o receptor está presente ao longo do texto, como, por exemplo, no vocativo que inicia a crônica e no tratamento na segunda pessoa do plural (“vos direi”). As frases exclamativas também aparecem. No último período do trecho, o cronista faz afirmação propositalmente polêmica, para causar reações nos leitores. Já Tostão conta sua experiência pessoal ao entrar no estádio e faz análise essencialmente resumida da partida, sem interação alguma com o receptor. A última frase do trecho aplica-se também à opinião do autor desta monografia sobre a crônica destacada: “Deu para o gasto”.

Outra marca do texto de Tostão é a abordagem de assuntos fora do futebol. O próprio cronista reconhece a dificuldade de escolher temas para sua coluna, uma vez que ela é publicada em doze estados. Assim, o ex-craque dá preferência a assuntos nacionais, mesmo quando eles não dizem respeito ao esporte, como em 1º e 29 de outubro de 2006, data dos dois turnos das eleições

---

<sup>83</sup> Tostão, 14/06/2006, p. D3

<sup>84</sup> Rodrigues, N: 1993: p. 128

presidenciais. Os dois textos possuíam algumas linhas sobre futebol, mas Tostão aproveitava para falar sobre o país e declarar seu voto.

Na política, quase tudo continua na mesma. A única mudança foi o aumento da diferença a favor do Lula. Vou anular o voto. Não optarei pelo provável menos ruim nem quero ser cúmplice dessa enganação. Se eleitos, os dois farão a mesma coisa: arrumar dinheiro para pagar os juros da dívida pública. Como aconteceu nos últimos governos, não vai sobrar nada para diminuir os problemas sociais.<sup>85</sup>

Outro tema não-esportivo que costuma aparecer na coluna de Tostão é a discussão sobre a obrigatoriedade ou não do diploma para exercer a profissão de jornalista. Um dos melhores comentaristas da atualidade, o ex-craque seria forçado a abandonar a atividade caso fosse aprovado o projeto de lei que proibia pessoas não-diplomadas em Jornalismo de trabalhar na imprensa. Indignado e ao mesmo tempo saudoso da Medicina, Tostão escreveu sobre o assunto.

Em todo o mundo, ex-atletas ocupam funções de comentarista. Isso não significa que é necessário ter sido jogador profissional, craque ou não, para ser um excelente analista de futebol. Anos atrás, um jornalista (...) afirmou na televisão que os meus textos não poderiam ser feitos por mim. Ele desconfiava de que eram escritos pelo Roberto Drummond, grande escritor mineiro, que morreu em 2002. (...)

Se o presidente Lula tivesse assinado o decreto aprovado pelo Congresso que proíbe o trabalho na imprensa de pessoas não formadas em jornalismo, talvez voltasse a ser médico. Tenho saudades dessa época.<sup>86</sup>

Craque dentro do campo, Tostão obteve grande destaque na imprensa na última década, de forma merecida. Muitos leitores e jornalistas o consideram o melhor cronista esportivo da atualidade. Com tanto talento nos pés e na cabeça, só se lamenta que Tostão não produza em seus leitores a mesma emoção que causava com seus lindos dribles, passes e gols.

## 5.2. Foco dentro ou fora do campo?

---

<sup>85</sup> Tostão: 29/10/2006: p. E8

<sup>86</sup> Tostão: 17/09/2006: p. E8



Se Tostão escreve sobre política com frequência razoável, há nas páginas da *Folha de S. Paulo* outro colunista que, hoje, personifica o novo jornalista esportivo, tão preocupado com questões fora do campo que às vezes esquece o que se passa dentro das quatro linhas: trata-se de Juca Kfourri. Com mais de trinta anos de carreira, o jornalista se tornou conhecido por sua luta pela modernização do futebol brasileiro. Ao longo dessa guerra, Juca trabalhou em quase todos os grandes órgãos de imprensa brasileira. Atualmente, ele escreve uma coluna bissemanal na *Folha*, participa dos debates do canal esportivo de TV a cabo *ESPN Brasil* e apresenta o programa *CBN Esporte Clube*, na *Rádio CBN*. Quem espera textos sobre os jogos de futebol poderá decepcionar-se com Juca Kfourri, apesar de toda a respeitabilidade adquirida pelo colunista – como curiosidade, ele, assim como Tostão, não tem diploma de Jornalismo: Juca graduou-se em Ciências Sociais, mas trabalha na imprensa desde 1970.

Em 26 de setembro de 2005, na coluna que marcou sua volta à *Folha de S. Paulo* – jornal que deu o pontapé inicial na nova onda de focar o trabalho dos repórteres na apuração de notícias de bastidores (como visto no capítulo três) – após uma passagem de seis anos pelo *Lance!*, Juca definiu com propriedade seu estilo de produzir crônicas: pouco esportivo e muito político. O jornalista fez breve resumo da evolução da legislação esportiva nos dez anos anteriores e aproveitou para lembrar o período que passou no tablóide esportivo.

O *Lance!* está aí na trincheira pela modernização do futebol brasileiro. (...) Luta que esta *Folha* trava ainda antes de o *Lance!* nascer, oito anos atrás. E para a qual volto com disposição renovada, neste momento em que o país passa por mais uma faxina. (...)

O fato é que o futebol nacional progrediu nos últimos tempos, principalmente por tudo que aconteceu no último ano da gestão FHC, com a redação do Estatuto do Torcedor e com a Lei da Moralização. Infelizmente, no entanto, e embora o presidente Lula tenha tido a grandeza de assiná-los como as primeiras leis de seu mandato, eis que da assinatura para cá só houve retrocessos. Voltou a promiscuidade do governo federal com a cartolagem.<sup>87</sup>

O estilo de Juca Kfourri rendeu-lhe diversos problemas nos últimos anos. Levantamento feito pelo sítio *Consultor Jurídico*<sup>88</sup> mostra que o jornalista já enfrentou mais de oitenta ações por injúria, calúnia ou difamação. Juca foi processado, entre outros, pelo presidente da Fifa (entidade máxima do futebol mundial), Joseph Blatter; pelo presidente da Confederação Brasileira de

<sup>87</sup> Kfourri, J: 26/09/2005: p. E6

<sup>88</sup> <http://conjur.estadao.com.br/static/text/24480,1>, acessado em 16/11/2006

Futebol, Ricardo Teixeira; e pelo ex-comandante da Federação Paulista de Futebol, Eduardo José Farah. Mas não são apenas dirigentes que entram na Justiça contra o colunista da *Folha*. Juca costuma criticar outros jornalistas, como Jaeci Carvalho, íntimo de Ricardo Teixeira, e Milton Neves, apresentador da *TV Record* e da *Rádio Jovem Pan*. A rivalidade entre Juca e Milton ficou famosa, por causa da troca pública de ofensas. Os dois começaram a estranhar-se porque o primeiro não aceita que jornalistas sejam garotos-propaganda de empresas, atividade exercida pelo segundo. Atualmente, eles trocam acusações em público e processos na Justiça. Em seu *blog* na Internet – um dos mais acessados do Brasil –, Juca escreve com frequência sobre o assunto. “Mitômano, Milton Neves produziu um bestialógico contra mim e tentou publicá-lo, em vão, em diversos veículos. (...) Só há uma vantagem em ser confrontado com um mentiroso nato: ver desmoralizada a mentira e o mentiroso”.<sup>89</sup>

Escrever sobre Juca Kfoury sem citar sua postura em relação às principais questões esportivas fora dos campos seria impossível e dificultaria a compreensão de seu trabalho. Mas, para não se desviar do foco da monografia, passa-se agora a analisar os textos do jornalista – quando ele deixa de lado os dirigentes e escreve sobre partidas de futebol.

Dono de um dos melhores textos do jornalismo esportivo, Juca consegue abordar pontos ignorados por outros colunistas e não tem medo do excesso, ao contrário da maioria dos cronistas contemporâneos. No dia seguinte à vitória do São Paulo sobre o Goiás por 2 a 0, que deixou o Tricolor paulista bem perto de assegurar o título brasileiro de 2006, o jornalista sugeriu à diretoria do clube que renovasse o contrato do jogador Mineiro por incríveis dez anos, devido à ótima forma do atleta.

Aos 31 anos, Carlos Luciano da Silva, gaúcho de Porto Alegre, Mineiro, o volante do São Paulo, é o que se pode chamar de um cidadão pacato, discreto. (...) De uns tempos para cá, deu para fazer gols decisivos. (...) O São Paulo quer renovar seu contrato por mais quatro anos e informa que as negociações estão adiantadas e muito bem encaminhadas para um final feliz. Talvez haja uma proposta que liquide a questão e a torne definitivamente irrecusável para este chefe de família de poucas palavras e jeito dócil: a de renovar por dez anos, até 2 de agosto de 2016, quando ele completará 41 anos. (...) Porque Mineiro é desses jogadores raros que não se pode perder.<sup>90</sup>

<sup>89</sup> [http://blogdojuca.blog.uol.com.br/arch2006-09-03\\_2006-09-09.html](http://blogdojuca.blog.uol.com.br/arch2006-09-03_2006-09-09.html), acessado em 16/11/2006

<sup>90</sup> Kfoury, J: 13/11/2006: p. E6

Juca Kfouri tem mérito raro de se ver em colunistas esportivos de sua geração: mantém-se atualizado. Durante a Copa do Mundo de 2006, ele foi um dos poucos veteranos que demonstraram conhecimento sobre as seleções estrangeiras. Aqui vale contar uma história que ilustra o desconhecimento de alguns dos colegas de Juca: Sérgio Noronha, comentarista da *TV Globo*, foi escalado para a transmissão do jogo entre Suécia e Trinidad e Tobago na primeira fase da Copa. A estrela do time sueco era o atacante Ibrahimovic, que, à época, defendia o Juventus, a mais poderosa equipe da Itália, cujos jogos eram transmitidos com frequência para o Brasil. Em 2005, o atleta ganhara o prêmio de melhor jogador do prestigiado Campeonato Italiano. Qual não foi a surpresa dos telespectadores quando Noronha começou a falar sobre Ibrahimovic: “Dizem que esse jogador é muito bom, forte, cabeceia bem, chuta com as duas pernas. Eu nunca vi jogar”. O comentarista da maior rede de televisão do Brasil assumiu que não sabia quem era um dos principais jogadores do mundo. Mas com Juca Kfouri é diferente: o jornalista acompanha com atenção o que acontece no mundo esportivo, como ficou provado na Copa. Na citação abaixo, o jornalista mostra que conhece os principais jogadores de Alemanha e Inglaterra.

A Alemanha cumpriu muito bem o seu papel na primeira fase desta Copa. Os donos da casa, que cada vez mais têm seu maestro no jovem meia Bastian Schweinsteiger, do Bayern de Munique, de apenas 21 anos. (...)

Como é improbabilíssimo que o Equador derrube os ingleses, de tantas estrelas e de, até aqui, um dono do time: Joe Cole, o mais sul-americano dos ingleses, com suas fintas curtas e seus lançamentos longos, fora o gol que marcou nos suecos, obra prima. Ingleses que parecem ter perdido Michael Owen, mas ganharam Wayne Rooney, um leãozinho dentro de campo.<sup>91</sup>

No trecho destacado, Juca cita jogadores conhecidos de quem acompanha futebol, uma vez que atuam nos maiores times do mundo, cujos jogos são transmitidos quase toda semana para o Brasil. Há jornalistas que se esqueceram de que sua função principal é informar. Um profissional escalado para comentar uma partida de Copa do Mundo ou qualquer outra competição deve procurar informar-se antes da transmissão. Para sorte dos leitores da *Folha*, Juca Kfouri ainda se lembra do objetivo primordial do jornalismo.

Apesar das suas qualidades já descritas neste capítulo, o texto de Juca não transmite ao apaixonado leitor da editoria de esportes a emoção que ele procura. No dia 20 de novembro de

---

<sup>91</sup> Kfouri, J: 21/06/2006: p. D5

2006, o jornalista escreveu crônica sobre o título brasileiro conquistado pelo São Paulo – um dos grandes times da cidade-sede da *Folha* – no dia anterior. Após o domingo de festa, os torcedores esperavam encontrar descrições emocionadas da conquista no jornal da segunda-feira. Mas quem leu o texto de Juca encontrou apenas uma ode ao técnico Muricy Ramalho. Nada, nem sequer uma linha destinada aos jogadores que, em campo, levaram o São Paulo à conquista.

Essa crônica sisuda no dia seguinte ao momento de maior emoção do futebol – a conquista de um título – remete a uma questão que engloba toda a produção atual dos jornalistas esportivos: a falta dos argumentos *éticos* e *patéticos*, usados aqui segundo a forma analisada na teorização do discurso feita por Mikhail Bakhtin. Para o filósofo da linguagem russo, esses argumentos são válidos para despertar emoções e paixões.<sup>92</sup> O esporte é a área em que o ético e o patético funcionam melhor. Quando há um evento que ajuda o cronista em sua tarefa – caso de uma conquista de título – é inadmissível que o jornalista simplesmente ignore o sentimento do leitor-torcedor.

Empenhado na luta pela moralização do futebol, Juca Kfoury encontrou um nicho de atuação que estava vazio e atua nele com brilhantismo. Seu trabalho é reconhecido até por colegas de fora da área esportiva. Pode-se dizer sem errar que o cronista é um dos principais da atualidade, mas, como visto neste capítulo, ainda falta para que seja comparado aos grandes colunistas da História do Brasil, que enxergavam o futebol com olhos românticos. A isenção continua fundamental, mas a objetividade ao extremo prejudica o jornalista esportivo.

### 5.3. Um ranzinza em defesa do futebol limpo

Jornalista esportivo desde o fim da década de 1960, Fernando Calazans passou por vários jornais até chegar a *O Globo*, veículo em que assina uma coluna diária sobre esportes desde 1990. Com texto de qualidade acima da média, Calazans adquiriu respeito entre colegas de profissão e leitores, mesmo com incômoda característica percebida logo em seus primeiros meses como cronista: o mau humor. O estilo ranzinza e o elogio quase exclusivo aos jogadores do passado são características marcantes do colunista, um dos mais consagrados da atualidade.

O último período do parágrafo anterior pode transmitir a sensação de um texto saudosista, mas não fale isso perto de Fernando Calazans.

---

<sup>92</sup> Pinto, M: 2002: p. 18

Ocorre um fenômeno curioso, muito curioso, que também se volta contra mim e contra colegas. (...) Nunca vi – nunca – um crítico de literatura ser rotulado de saudosista por exaltar a obra de Machado de Assis ou de Fernando Pessoa. Nunca vi – nunca – um crítico de cinema ser chamado de saudosista por reverenciar os filmes de Orson Welles ou de Luis Buñuel. (...) Agora, ah, agora vai um crítico de futebol enaltecer a obra ou mesmo um passe de Didi! (...) O céu pode desabar sobre a cabeça do crítico esportivo. Pobre dele por ter testemunhado as andanças e as glórias de uma seleção pentacampeã mundial. Porque (...) neste país não temos o culto à História do futebol brasileiro.<sup>93</sup>

Na citação acima, o jornalista faz uma interpretação equivocada das críticas ao excesso de elogios ao passado e de críticas ao presente. Não se pede que o cronista deixe de louvar os jogadores que construíram a História do futebol brasileiro. O que se quer é a ode aos atletas que continuam a escrever as belas páginas deste livro de glórias. Calazans chega ao cúmulo de achar que os torcedores só se encantavam com as partidas até a década de 1980. Depois, segundo ele, houve apenas aborrecimentos. Em coluna publicada em 1991, o jornalista deixa clara essa opinião quando elogia o jogador Júnior, do Flamengo, então com 36 anos, nos últimos meses de sua brilhante carreira. (o texto a seguir foi escrito numa época em que os cronistas ainda freqüentavam estádios. A crônica começa com as agruras de se assistir a um jogo no Estádio da Gávea, sob calor de 36 graus. Após o ano 2000, com o pacote *pay-per-view* – pague para ver –, que transmite todos os jogos dos campeonatos, os colunistas passaram a ficar na redação. Em 2006, Fernando Calazans só foi a estádios nos jogos da Copa).

Não teria valido a pena (ir ao jogo num dia de sol forte) se em campo não estivesse o único remanescente, hoje em dia, da *última geração de jogadores brasileiros que encantou as multidões de todos os estádios*. Estou falando, naturalmente, de Leovegildo Lins Gama Júnior, que, às vésperas de completar 37 anos, brindou o público com uma atuação primorosa.

O público, pequeno e privilegiado, que admirou a apresentação de Júnior, agradeceu no fim, consagrando-lhe uma ovação demorada e comovente na sua saída de campo – homenagem a *um dos últimos ídolos autênticos do futebol brasileiro*.<sup>94</sup>

Repare nos trechos destacados em itálico na citação acima como o cronista despreza o futebol praticado àquela época. Vale lembrar que, três anos depois da publicação dessa coluna, o

<sup>93</sup> Calazans, F: 12/08/03: p. 32

<sup>94</sup> Calazans, F: 1998: p. 103

Brasil conquistou seu quarto título mundial, depois de 24 anos sem ganhar Copas. Ainda assim, Calazans acha que o futebol deixou de agradar ao grande público e a tendência é sempre piorar, como mostra uma crônica escrita por ele na Copa de 2006, quinze anos depois do jogo de Júnior. “Qual é a novidade desta Copa? Qual a sua contribuição para o futebol? É esta: fazer 1 a 0 e recuar para segurar o placar, garantir a vitória. É isso que esses treinadores medíocres, sem talento nem imaginação, estão reservando para os futuros fãs do futebol”.<sup>95</sup>

O colunista é adepto da velha tese da dicotomia futebol-arte x futebol-força, que jamais foi bem-explicada por seus defensores. Quais seriam as principais características dos dois conceitos? Como avaliar se determinado time joga de uma maneira ou de outra? Sem haver como compreender-se a diferença entre um e outro, fica a impressão de que se trata de uma questão meramente de antigüidade. Quem jogava há pelo menos vinte anos praticava o futebol-arte. Já os atletas das últimas duas décadas jogam o futebol-força, expressão usada por Calazans para definir a seleção brasileira de 1990, na crônica do dia da estréia na Copa – 10 de junho –, contra a Suécia, e também no dia seguinte ao jogo. É interessante notar como o colunista utiliza os conceitos de forma tão marcante em textos de dois dias consecutivos.

Temos pela frente a mesma Suécia da Copa de 58. Éramos, então, uma equipe que amava o futebol-arte: vencemos por 5 a 2 e fomos campeões mundiais pela primeira vez. Somos, agora uma seleção adepta do futebol-força: vamos ver como daremos partida à nossa campanha.<sup>96</sup>

Aquele drible no primeiro gol é coisa do tempo do futebol-arte que, no fundo, ainda é o que decide na era do futebol-força. (...) O resto da partida foi disputado dentro do pior estilo do futebol-força.<sup>97</sup>

Quando escreve sobre o presente, Fernando Calazans critica o futebol praticado atualmente de forma geral, mas tem um alvo preferencial: os treinadores. O cronista abomina a importância que os técnicos adquiriram na imprensa e considera-os os principais responsáveis pelo excesso de faltas nos jogos. Aliás, esta é uma das bandeiras levantadas orgulhosamente pelo cronista: a da diminuição da violência nos campos de futebol. Chocado com as faltas que vê nos campos, Calazans luta por jogos mais limpos e culpa diretamente os técnicos pelas pancadarias.

---

<sup>95</sup> Calazans, F: 06/07/2006: p. 04

<sup>96</sup> Calazans, F: 1998: p. 34

<sup>97</sup> Calazans, F: 1998: p. 36

Quando uma equipe faz poucas faltas, o colunista elogia o técnico. “O maior destaque da vitória vascaína foi o comportamento coletivo do time, que fez cinco ou seis faltas em todo o jogo. Parabéns ao Vasco, ao técnico Renato Gaúcho e a todos os jogadores”.<sup>98</sup>

Já nos casos de violência em campo, os treinadores não recebem perdão do colunista. “O jogo podia ter sido melhor ainda se o Goiás não fizesse tantas faltas (31), uma atrás da outra, como é característica de todos os times dirigidos por Geninho”.<sup>99</sup>

Quando não aborda jogo específico, Fernando Calazans costuma fazer fortes críticas aos treinadores. Assim que acabou a Copa de 1994, vencida pelo Brasil, o cronista escreveu sobre o nível técnico da competição, considerado baixo por ele. No texto, o jornalista se perguntava quais medidas deveriam ser tomadas para que o Mundial seguinte, em 1998, tivesse mais gols e menos faltas. Para Calazans, a conversa precisava começar com conscientização dos treinadores do mal que eles estavam fazendo ao esporte quando ordenavam aos jogadores que cometessem seguidas infrações violentas.

O êxito do projeto (*mais gols e menos faltas nos jogos*) estará ameaçado se não contar com a colaboração dos senhores treinadores. (...) Michel Platini e Fernand Sastre (*presidentes do Comitê Organizador da Copa de 1998*) deverão se sentir à vontade para pedir a colaboração – em primeiríssimo lugar – dos treinadores europeus. O futebol de países de tradição (...) se revelou uma imensa chateação. Façam um apelo todo especial ao senhor Arrigo Sacchi, considerado uma sumidade do futebol, que na final da Copa de 1994 armou a sua seleção italiana com o único propósito de decidir o título nos pênaltis.<sup>100</sup>

Doze anos depois desse texto, a temática de Calazans pouco mudou, como demonstra a crônica escrita por ele em 8 de julho de 2006, véspera da final da Copa do Mundo. “Eis o fato e a verdade que estão escapando até da maioria dos críticos de futebol no mundo inteiro: já não se joga mais futebol para fazer gols. (...) o futebol está numa encruzilhada”.<sup>101</sup>

Para Fernando Calazans, os treinadores têm “aliados” inusitados na missão de tornar o futebol mais feio: os jornalistas esportivos.

---

<sup>98</sup> Calazans, F: 24/04/2006: p. 2

<sup>99</sup> Calazans, F: 20/11/2006: p. 2

<sup>100</sup> Calazans, F: 1998: p. 124

<sup>101</sup> Calazans, F: 08/07/2006: p. 04

Nós, cronistas brasileiros, fomos largando o ser humano de lado cada vez mais, e fomos nos deixando dominar pelo tecnicismo dos treinadores, pela ditadura das táticas. (...) O comentarista, no rádio e na televisão, virou também um técnico, um treinador, um estrategista. Só fala de táticas. Na sua imensa pretensão, parece até que ele próprio pode mudar o destino do jogo com uma manobra tática. (...)

As características do nosso jogador vêm sendo sistematicamente violentadas pelos técnicos com a cumplicidade nossa, críticos esportivos.<sup>102</sup>

Crônica publicada durante o Mundial de 2006, após a magra vitória da Inglaterra sobre o Equador por 1 a 0, resume em poucas linhas as principais características do texto de Calazans: reclamações constantes e implicância com os técnicos e com as equipes estrangeiras. Para o jornalista, o bom futebol é produzido apenas no Brasil. “Se essa é uma das melhores gerações do futebol inglês nos últimos tempos, o sueco Sven-Goran Eriksson deve ser um dos piores técnicos que passaram pela seleção da Inglaterra em todos os tempos”.<sup>103</sup>

Esse desapareço pelo esporte praticado fora do Brasil não é uma criação de Fernando Calazans. Quem começou a supervalorizar o futebol brasileiro e dizer que nada presta fora dos campos nacionais foi Nelson Rodrigues. Ao escrever sobre o primeiro jogo do Brasil na Copa de 1970 – vitória por 4 a 1 sobre a Tchecoslováquia – Nelson aproveitou para desancar a final do Mundial de 1966, na qual a Inglaterra derrotou a Alemanha por 4 a 2, na prorrogação. “A exibição brasileira foi trinta vezes melhor do que a finalíssima entre a Inglaterra e a Alemanha, em 66. Naquela ocasião, os 22 homens, segundo o figurino da pelada mais humorística, faziam o jogo de bola pra frente e fé em Deus”.<sup>104</sup> Trinta e seis anos após a publicação da crônica de Nelson, Fernando Calazans definiu a decisão do Mundial de 2006 de forma idêntica ao que havia feito o irmão de Mário Filho quase quatro décadas antes. “A final de ontem, entre França e Itália, foi patética (...). Uma pelada interminável, cansativa, entediante. Um espetáculo que agride o futebol e agride a inteligência do futebol”.<sup>105</sup>

Engajado na luta pelo por um futebol mais bonito, Fernando Calazans merece todos os elogios por essa batalha. Para melhorar, podia apenas abandonar o estilo ranzinza e louvar os

---

<sup>102</sup> Calazans, F: 1998: p. 205

<sup>103</sup> Calazans, F: 26/06/2006: p. 04

<sup>104</sup> Rodrigues, N: 1993: p. 170

<sup>105</sup> Calazans, F: 10/07/2006: p. 04



bons espetáculos vistos nos campos brasileiros. Será um presente aos seus leitores, que aceitarão de ótimo humor.

## **6. DAS MESAS DE BAR ÀS ASSESSORIAS DE IMPRENSA. O QUE MUDOU NO DIA-A-DIA?**

A mudança do estilo de texto no jornalismo esportivo não se deu de forma isolada, dissociada do contexto da evolução da profissão. Ela só aconteceu porque a maneira de o repórter trabalhar alterou-se bastante nas últimas décadas, principalmente na editoria de esportes, antigamente conhecida pela proximidade promíscua de seus repórteres com suas fontes.

O antigo estereótipo de jornalista boêmio adequava-se com frequência aos repórteres esportivos até a década de 1970. Já nos últimos trinta anos, a situação mudou por completo, não só no que diz respeito às novas tecnologias presentes nas redações. A profissionalização do departamento de futebol dos maiores clubes do Brasil praticamente acabou com a promiscuidade que existia entre jornalistas e fontes.

### **6.1. Boemia, aqui me tens de regresso...**

Um dos maiores jogadores de todos os tempos, o ex-lateral Nilton Santos, astro do Botafogo e da Seleção nas décadas de 1950 e 1960, tornou-se exemplo simbólico da relação íntima e perigosa que os atletas de sua época estabeleciam com os repórteres. Quando se casou com Abigail, em 1º de julho de 1953, Nilton não teve dúvida ao escolher seus padrinhos: Carlito Rocha, ex-presidente do Botafogo, e Sandro Moreyra, repórter que cobria o Alvinegro de General Severiano. A três semanas da cerimônia, o lateral estava tenso com o fim da solteirice e aliviou-se no Ranchinho do Alvarenga, tomando várias doses de uísque com o então repórter Armando Nogueira.<sup>106</sup> Pouco acostumado aos destilados, Nilton ainda sentia os efeitos da ressaca no treino do dia seguinte, quando enfrentou um jovem que fazia testes no Botafogo. O garoto botou até bola entre as pernas do craque já consagrado. Os dirigentes logo contrataram Manuel dos Santos, posteriormente conhecido como Garrincha. Se Armando Nogueira não tivesse arrastado Nilton para a mesa do bar, o mundo talvez demorasse a descobrir o melhor ponta-direita da história. Ou talvez ele nunca houvesse vestido a camisa alvinegra.

O Botafogo era conhecido pela grande influência exercida por jornalistas. Em comparação aos rivais Flamengo e Vasco, o clube tinha torcida pequena, mas a impressão era a de que todos os fanáticos alvinegros viviam com uma caneta ou um microfone na mão. Eram

---

<sup>106</sup> Castro, R: 1998: p. 58

botafoguenses os supracitados Sandro e Armando, além de Waldir Amaral, Cláudio Mello e Souza, Luiz Mendes, Geraldo Escobar, Otávio Name, entre outros. Muitos desses jornalistas eram responsáveis pela cobertura do Botafogo e alguns se tornavam íntimos demais dos dirigentes. Sandro Moreyra, por exemplo, fora criado na sede do clube e nunca se considerou um jornalista esportivo. Era, para ser exato, um repórter do Botafogo. Ele ficou famoso por ajudar jogadores com menos instrução até na hora da renovação dos contratos. Garrincha só acertava uma alteração no seu compromisso com a diretoria depois de consultar o jornalista.

Na época, havia uma determinação do Conselho Nacional de Desportos segundo a qual toda excursão de um clube ao exterior devia levar ao menos um jornalista. Fora do país, eles recebiam *bichos* e diárias como se jogadores fossem. Sandro Moreyra viajou muitas vezes à custa do Botafogo. Mas ele não parou por aí. Em 1961, pela primeira vez um jornalista chefiou uma delegação de um clube brasileiro: era Sandro, no comando do Alvinegro durante excursão pelas Américas. Num jogo contra o Colo-Colo, em Santiago, o técnico Paulo Amaral caiu de cama e não pôde sair do hotel. O repórter não teve dúvidas: avisou aos jogadores que comandaria o time naquela tarde. Com Sandro aos gritos no banco de reservas, o Botafogo venceu por 3 a 1, de virada, depois que o “técnico” mandou comprar conhaque para os jogadores beberem no intervalo, quando o time perdia por 1 a 0.<sup>107</sup>

Com esse quadro, o distanciamento necessário ao trabalho do jornalista era impossível. Por isso, há jornalistas que contestam alguns dos mitos criados pela imprensa esportiva de outrora. Paulo Vinícius Coelho não vê coerência no tratamento dado a dois capitães da Seleção, que, apesar de não terem sido craques, conquistaram a Copa do Mundo. Bellini, zagueiro botinado campeão em 1958, virou lenda. Já Dunga, volante brigador que levantou o caneco em 1994, costuma ser tratado com ressalvas.<sup>108</sup>

A promiscuidade entre jornalistas e fontes não acontecia apenas no Botafogo. Ela chegou à Seleção Brasileira. Na Copa de 1954, antes do jogo contra a Hungria, os jogadores se espantaram quando, a pedido dos dirigentes, o locutor Geraldo José de Almeida, entrou no vestiário e comparou os atletas aos pracinhas mortos na Segunda Guerra Mundial. Geraldo exortou a Seleção a vingar os brasileiros enterrados em Pistóia, na Itália. O que se viu em campo

---

<sup>107</sup> Castro, R: 1998: p. 226

<sup>108</sup> Coelho, PV: 2004: p. 20

foi uma equipe com os nervos em frangalhos, que protagonizou o jogo mais violento da história dos Mundiais, e acabou derrotada pelo grande time húngaro por 4 a 2.

Nas Copas seguintes, o que mais atrapalhou a Seleção foi a rivalidade entre as imprensas carioca e paulista. Cada uma defendia a convocação de jogadores que atuavam em seu estado. Esse mau costume só cessou no fim da década de 1990, quando a maior parte dos selecionáveis imigrou para o futebol europeu. Antes do Mundial de 1958, a Seleção se preparava em Poços de Caldas, Minas Gerais, e o técnico Vicente Feola ainda não decidira qual lateral-esquerdo escalar no time titular durante a competição na Suécia. Foi quando uma barulhenta caravana de botafoguenses vindos do Rio, comandada por Sandro Moreyra, interrompeu um treino da Seleção. Os alvinegros exigiam a presença de Nilton Santos entre os titulares. Nesse mesmo ano – data do primeiro título mundial brasileiro –, em Poços de Caldas, o jornalista corintiano Geraldo Bretas não se conformava com a ausência de convocados do seu time de coração e divertia-se debochando dos jovens da Seleção. “Pelezinho, Pelezinho, não passa de uma criança!”, “Mazzolinha, Mazzolinha, este não joga nada!”, gritava Bretas, à beira do campo em que a equipe treinava.<sup>109</sup> A rivalidade Rio-São Paulo criou uma rixa entre Nelson Rodrigues e o ex-craque e então comentarista Leônidas da Silva. O dramaturgo, que vivia no Rio, queria Dida, do Flamengo, entre os titulares. Já o Diamante Negro, com base em São Paulo, preferia o santista Pelé. Nelson e Leônidas se tornaram desafetos a partir de 1958.<sup>110</sup>

Com uma imprensa bairrista e clubística, os jornalistas esportivos dificilmente eram vistos com respeito pelo restante das editorias e até mesmo pelas fontes. Jogadores e dirigentes usavam e eram usados pelos repórteres. A pedido de Nelson Rodrigues, um fotógrafo “seqüestrou” o craque Didi num dia de folga do Botafogo para que o jogador posasse com uma coroa e um cetro no Theatro Municipal. Tudo porque Nelson faria uma crônica em que Didi era chamado de “Príncipe etíope de rancho”.<sup>111</sup>

Na antiga imprensa esportiva, havia casos de quase-crimes cometidos por jornalistas. João Saldanha costumava andar com seu revólver na cintura. Em 1967, antes da final do Campeonato Carioca entre Bangu e Botafogo, Saldanha ouviu um boato de que o bicheiro Castor de Andrade, todo-poderoso do Alvirrubro da Zona Oeste, subornara dois jogadores do Alvinegro. O Botafogo venceu a partida por 2 a 1, mas o jornalista disse no microfone da *Rádio Globo* que achara muito

<sup>109</sup> Cardoso, T e Rockmann, R: 2005: p. 156

<sup>110</sup> Cardoso, T e Rockmann, R: 2005: p. 157

<sup>111</sup> Pires Ferreira, P: 2001: p. 38

estranha a atuação do goleiro botafoguense Manga. “Tudo leva a crer que este rapaz não está soltando estas bolas por acaso. Há gente corrompendo o futebol”.<sup>112</sup> Poucas horas depois do jogo, Castor de Andrade invadiu armado os estúdios da TV Globo, onde Saldanha participava do programa Grande Resenha Esportiva Facit, e quase houve tiroteio. Na noite seguinte, foi a vez de o jornalista provocar confusão. O Botafogo comemorava o título na sede do Mourisco e, assim que chegou ao local, Saldanha correu na direção de Manga. Ao chegar perto do goleiro, o cronista sacou sua arma e deu dois tiros para o chão, enquanto Manga pulava o muro da sede. Depois desse dia, o goleiro nunca mais vestiu a camisa alvinegra, mas continuou sua brilhante carreira no Internacional-RS e no Nacional de Montevideú.<sup>113</sup>

## 6.2. A profissionalização da burocracia

A mudança no cotidiano da imprensa esportiva foi tão radical que ultrapassou os limites do razoável. A cobertura dos grandes clubes está dificultada pela burocracia que cerca jogadores, técnicos e dirigentes. Escaldados com as frases polêmicas ditas por alguns atletas às vésperas de jogos importantes, os cartolas montaram assessorias de imprensa nos clubes. O objetivo destas é confundido pelos profissionais que trabalham na área: em vez de cooperar para o bom convívio entre repórter e jogador, o assessor se torna um obstáculo. Em qualquer clube grande é assim: no máximo dois atletas dão entrevistas por dia, além do técnico. Qualquer resposta que saia do politicamente correto é vista com desespero pelo assessor, que instrui o entrevistado antes do “embate” com os jornalistas, muitas vezes tratados como inimigos do clube. “Outro dia o Athirson (jogador de futebol) foi dar uma entrevista para a revista *Lance A+*. Levou advogado, assessoria de imprensa, namorada, pai, mãe, cachorro, papagaio... Como é que o jornalista vai se sentir à vontade assim?”, lembra Fernando Calazans.<sup>114</sup>

Além disso, o assessor em alguns clubes prima pela desinformação e não responde nem às perguntas básicas sobre o time. Nesse quesito, há exceções honrosas, de profissionais muito bem-informados sobre o lugar em que trabalham.

Há casos assombrosos. Os dias de jogos são os mais importantes para a imprensa esportiva. A audiência sobe, o interesse aumenta... Pois, neste ano de 2006, o Vasco da Gama tomou uma atitude radical: em caso de empate ou derrota, só o treinador dá entrevistas depois da

---

<sup>112</sup> Millet, R: 2006: p. 29

<sup>113</sup> Millet, R: 2006: p. 31

<sup>114</sup> Pires Ferreira, P: 2001: p. 39

partida. O torcedor que quiser ouvir explicação de um jogador fica chupando o dedo. Um atleta só atende ao jornalista em caso de vitória.

Há também o assessor-delator. Em 2005, o volante Júnior, do Flamengo, não gostou de comentário feito pelo repórter Mauro Leão, na *FM O Dia*. Naquele ano, o jornalista cobria o Rubro-Negro para o jornal *O Dia*. Na tarde seguinte à crítica feita a Júnior, o assessor de imprensa do Flamengo, Carlos Eduardo Mansur, telefonou para o chefe de Mauro, Hédio Cícero, e pediu o afastamento do repórter do clube. Hédio não atendeu. Caso semelhante ocorreu em outubro de 2006, quando o meio-campista Pedrinho, do Fluminense, teve uma discussão com o repórter do *Lance!* Caio Barbosa. O assessor do Tricolor, Alexandre Bittencourt, ligou para a redação e relatou a um dos editores do jornal o que ocorrera nas Laranjeiras. Caio continuou na cobertura do clube. No mesmo mês, José Isaías, assessor de imprensa do Palmeiras, interrompeu a entrevista dos repórteres com o atacante Neto Baiano: “Ele só fala de futebol. É proibido perguntar sobre salários atrasados”, esbravejou Isaías. Os jornalistas encerraram na mesma hora a entrevista com o jogador palmeirense.

O cuidado com o jogador tornou-se tão grande que costuma haver desencontro de informações. Em 2005, o assessor particular do atleta Moraes, do Vasco, marcou entrevista coletiva para o Vasco-Barra, centro de treinamento do clube. Os repórteres chegaram ao local na hora marcada e foram recebidos pelo assessor do Vasco. “O que houve? Ele marcou entrevista para cá? Não haverá nada disso. Só quem pode marcar alguma coisa nas dependências do clube somos nós”, disse Roberto Garofalo.

Toda essa estrutura existente atualmente é positiva para evitar a promiscuidade entre jornalista e fonte, como acontecia há algumas décadas. Mas há implicações sem motivo. Uma das tradições dos cadernos de esporte dos jornais cariocas era promover o encontro dos protagonistas do clássico de domingo. Assim, num dia de Vasco x Flamengo na década de 1980, por exemplo, o leitor-torcedor via fotos de Roberto Dinamite e Zico juntos, na praia ou em qualquer outro lugar. Os craques se provocavam e falavam do jogão de domingo. Hoje, isso acabou. As assessorias dos quatro grandes clubes do Rio são sucintas: “Fotos com jogador de outro time são proibidas”.

No jornalismo, qualquer posição extrema é perigosa. Por isso, urge que repórteres, assessores e dirigentes cheguem a um acordo para a flexibilização da burocracia que cerca o dia-a-dia da imprensa esportiva. É inadmissível que um repórter passe horas numa mesa de bar com

um jogador, mas tampouco se pode aceitar que os clubes coloquem obstáculos ao trabalho dos jornalistas. A relação de amizade íntima transformou-se num relacionamento marcado por constantes tormentas. O jornalista Paulo Julio Clement trabalhou nas principais redações do Rio e, em 2005, assumiu a assessoria de imprensa de um dos jogadores mais conhecidos do planeta: Ronaldo. Paulo Julio acha que a quantidade de dinheiro envolvida no futebol atual contribuiu para a deterioração do convívio jogador-repórter.

Antes, o jogador ia tomar chope com o jornalista no bar da esquina. A proximidade era muito maior. Agora, há um muro construído pelo dinheiro, um afastamento natural. E pior: por vezes até um atrito. O jogador se acha mais importante que o jornalista porque ganha muito mais que ele. Por outro lado, o jornalista se acha mais importante do que o jogador por ser um intelectual, ter estudado numa universidade.<sup>115</sup>

As mudanças explicitadas neste capítulo contribuíram em grande medida para o aumento da frieza nos textos esportivos, principalmente no que tange ao tratamento concedido aos grandes craques. No passado, os jogadores que se destacavam logo tornavam-se companheiros de cerveja dos repórteres. Assim, estes carregavam nos elogios quando os “amigos” mostravam bom futebol em campo.

Hoje, a história mudou. A maior parte dos atletas de destaque pouco se importa em estabelecer qualquer ligação com os repórteres. Dessa forma, há profissionais da imprensa que chegam a torcer contra craques. O sérvio Petkovic, por exemplo, passou por três grandes clubes do Rio, Flamengo, Vasco e Fluminense, entre 2000 e 2006. O jogador obteve sucesso em todos, mas se tornou conhecido também por seu mau humor, seja com companheiros, árbitros ou jornalistas. Por isso, há repórteres que não escondem o desejo de que o sérvio tenha mau desempenho em todas as partidas. Quando isso acontece, uma enxurrada de críticas atinge Petkovic em escala maior do que a outros jogadores. Em 2005, por exemplo, o meio-campista comandou o Fluminense ao longo de toda a temporada. No ano seguinte, sua queda de rendimento não foi perdoada.

Considerado o queridinho da torcida tricolor, Petkovic vem perdendo espaço no coração dos torcedores, principalmente depois de ter perdido um pênalti no jogo contra o Madureira, na estréia da

---

<sup>115</sup> Pires Ferreira, P: 2001: p. 39

Taça Rio. Irritada com a apatia e má atuação do sérvio no jogo contra o Botafogo, a torcida vaiou o jogador várias vezes durante o clássico.

Os torcedores não se esqueceram ainda das fracas apresentações de Petkovic na reta final do Campeonato Brasileiro do ano passado. Ele caiu de produção e não ajudou o Fluminense a conquistar a vaga para a Copa Libertadores da América, que ficou com o Palmeiras.<sup>116</sup>

Após essas observações, compreende-se melhor o saudosismo observado nos textos dos antigos jornalistas esportivos. Além da propensão humana a referir-se ao passado com apreço, os veteranos repórteres constroem narrativas que cativam os mais novos. Para os “velhos de guerra”, o futebol até a década de 1990 era uma festa de gols, sem técnicos retranqueiros nem jogadores ruins. Todos os times jogavam para o ataque e o esquema facilitava o aparecimento de jogadores como Pelé, Garrincha, entre outros tantos. Já o esporte de hoje seria um rascunho mal-feito do de outrora, com equipes pensando só na defesa e cheias de pernas-de-pau. Segundo essa visão, as Copas do Mundo espelhariam essa involução. O futebol do ataque a qualquer preço de meio século atrás (ninguém se lembra de que o Mundial de 1958, por exemplo, teve jogos horrorosos, como Suécia 0 x 0 País de Gales) teria dado lugar ao esporte em que o gol é detalhe – desde 1990 que os cronistas veteranos desancam sem dó nem piedade a qualidade do futebol apresentado nas Copas.

Mais uma vez, deve recorrer-se ao bom senso para evitar posições extremistas e formular a pergunta: será que o futebol piorou tanto assim? Na opinião do autor deste trabalho, a resposta é não.

---

<sup>116</sup> Leão, M: 13/04/2006: p. 3



## **7. DA EUFORIA À CAÇA ÀS BRUXAS: A IMPRENSA E A SELEÇÃO BRASILEIRA NA COPA-2006**

A seleção brasileira vivia clima de euforia às vésperas da Copa do Mundo de 2006, disputada na Alemanha. Em eleição promovida pela Federação Internacional de Futebol (Fifa), órgão máximo do esporte, para escolher o melhor jogador do mundo, em dezembro de 2005, jogadores tupiniquins ocuparam sete das 30 primeiras posições. E, em 22 de maio, todos esses craques chegaram sem contusão alguma a Weggis, cidade suíça em que a equipe iniciou a preparação para o Mundial. Faltavam três semanas para a estréia do Brasil na Copa, prevista para o dia 13 de junho, e a euforia era evidente entre jogadores, comissão técnica, jornalistas e torcedores.

Até o comedido treinador Carlos Alberto Parreira reconheceu o favoritismo brasileiro. Às vésperas da Copa, ele dizia repetidamente que era apenas um “gestor de talentos”, cheio de craques à disposição. Um ano antes, na mesma Alemanha, o Brasil assombrara o mundo com vitória espetacular sobre a Argentina por 4 a 1, na final da Copa das Confederações, em 29 de junho de 2005. Esse jogo confirmou a impressão de que a Copa do Mundo seria mera formalidade, a sexta conquista brasileira parecia inevitável. Para reforçar esse sentimento que rodou o mundo, Ronaldinho Gaúcho, o melhor jogador do mundo em 2004 e 2005, disputou partidas espetaculares nos meses que antecederam o Mundial e liderou seu clube, o Barcelona, aos títulos espanhol e europeu. No Brasil, os cronistas achavam que Ronaldinho estava preparado para entrar no rol dos maiores jogadores da História do futebol.

Eu teria de concluir que Ronaldinho será o destaque da Copa. Mas esse título me parece pouco. O que na verdade se espera é que Ronaldinho marque essa Copa alemã com o ferro de seu gênio em brasa. E que assim se possa finalmente compará-lo a Pelé, comparação que alguns já fazem um tanto açodadamente.<sup>117</sup>

### **7.1. As três semanas de preparação: elogios e polêmicas**

Antes da Copa, a seleção brasileira foi uma das poucas que promoveram treinos abertos ao público quase todos os dias. Em Weggis, aquelas duas semanas jamais serão esquecidas. A

---

<sup>117</sup> Mello e Souza, C: 04/06/2006: p. 34

pacata cidade se transformou num microcosmo do Brasil na Europa, com direito a corredor de barracas de vendedores ambulantes oferecendo até caipirinha do lado de fora do estádio. Uma dançarina brasileira mais afoita invadiu o campo e rolou no chão com Ronaldinho Gaúcho. A imprensa deu destaque à agitação de Weggis e, posteriormente, de Königstein, na Alemanha, para onde a Seleção se dirigiu em 5 de junho, mas nada disso arranhou a confiança dos cronistas brasileiros no título. Em sua coluna no jornal *O Globo*, Renato Maurício Prado se mostrava exigente: não queria só a taça, mas também um futebol bonito. “Convencido de que possui uma das mais talentosas gerações das últimas décadas, o torcedor brasileiro dá claros sinais de que não vai se satisfazer em vencer. Quer show. (...) O Brasil inteiro sonha com um grande show que culmine com o hexacampeonato mundial”.<sup>118</sup>

Boa amostra da euforia da imprensa pôde ser vista na Revista Copa-2006, que circulou com *O Globo* de 3 de junho. A publicação analisava as chances de cada seleção no Mundial. As primeiras linhas da página que dizia respeito ao Brasil, escrita pelo veterano Antonio Maria Filho, resumem com propriedade o sentimento no país antes da competição. “Que seleção é esta que mete tanto medo nos adversário quanto o bicho-papão às crianças?”.<sup>119</sup> Em outro jornal carioca, *O Dia*, o colunista Márcio Guedes adotava linha de pensamento parecida, em tom de exaltação: “Aparentemente, a Seleção sobra na turma, e, se não houver acidente de percurso, traz o caneco”.<sup>120</sup>

O noticiário seguiu nesse ritmo até a abertura do Mundial. O único assunto que rivalizava com o favoritismo da seleção eram os seguidos problemas do atacante Ronaldo. Durante a preparação para a Copa, o jogador se envolveu em diversas polêmicas, como um bate-boca com o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva; uma aparição numa boate de Weggis que foi parar nos jornais suíços; uma bolha em seu pé produzida por uma das chuteiras mais caras do mundo, feita sob medida para ele; e um visível excesso de peso. O colunista da *Folha de S. Paulo* Tostão resumiu o que foi a preparação da equipe. “Está quase tudo perfeito, pouquíssimos questionam a escalação, o time é a cada dia mais endeusado, os treinos são sempre os mesmos, a notícia principal é o pé de Ronaldo e o mico do patrocinador que fez a chuteira”.<sup>121</sup>

---

<sup>118</sup> Prado, RM: 04/062006: p. 06

<sup>119</sup> Maria Filho, A: 03/062006: p. 04

<sup>120</sup> Guedes, M: 06/062006: p. 14

<sup>121</sup> Tostão: 08/06/2006: p. D3

Mesmo com tantos problemas em torno do jogador, a participação de Ronaldo – apelidado Fenômeno – na Copa era vista com entusiasmo pela maior parte dos cronistas. No dia 9 de junho, Renato Maurício Prado escreveu uma coluna em defesa do jogador, intitulada “Ainda sou mais o Fenômeno”. No texto, o jornalista elogia o atacante. “Ronaldo com 70% de suas condições ainda é mais perigoso do que a maioria dos atacantes desta Copa”.<sup>122</sup>

No dia 13 de junho, data da estréia brasileira contra a Croácia, havia enorme expectativa no país para o primeiro jogo da seleção mais badalada desde a geração de Zico, Falcão e Sócrates em 1982. Os jornais refletiram bem o momento. “A hora da estrela. Ronaldinho Gaúcho entra em campo para fazer história”<sup>123</sup>, mancheteu *O Globo*. Até a normalmente sisuda e crítica *Folha de S. Paulo* entrou na onda de euforia: “Para quase todo mundo, é uma barbada. A partir de hoje, quando faz sua estréia contra a Croácia, às 16h, em Berlim, o Brasil inicia na Copa da Alemanha a busca pelo hexa no melhor estilo ‘favas contadas’”.<sup>124</sup> O texto dessa data que dá a noção mais exata do clima de favoritismo brasileiro foi escrito por Fernando Calazans, em *O Globo*. “A seleção reserva do Brasil – sim, a reserva – é melhor do que a maioria das seleções presentes na Copa. Parece empáfia, mas não é. É a pura verdade”.<sup>125</sup>

## 7.2. A estréia ruim: surgem as críticas

Dia 13 de junho de 2006. A data estava marcada no calendário de todos os brasileiros desde dezembro do ano anterior, quando fora divulgada a tabela da Copa. No Estádio Olímpico de Berlim, a seleção brasileira repleta de gênios estreava contra a Croácia. Os olhos do mundo futebolístico viraram-se para aquele local. Todos queriam ver o desfile de craques: Ronaldinho Gaúcho, Kaká, Ronaldo, Adriano, Cafu, Roberto Carlos, Dida, Robinho... a nata do futebol mundial. Até que a bola rolou – às 21h no horário alemão, 16h no horário de Brasília – e todas as previsões foram por água abaixo.

O Brasil teve enormes dificuldades contra a seleção croata e venceu pelo minguado placar de 1 a 0, com belo gol de Kaká. Para piorar, as principais estrelas ficaram devendo boas atuações, em especial Ronaldo. Pesado, o atacante se mostrou em forma física constrangedora e não acertou um lance sequer. Naquele dia, a crônica esportiva brasileira tomou um banho de realismo.

<sup>122</sup> Prado, RM: 09/06/2006: p. 06

<sup>123</sup> Maria Filho, A: 13/06/2006: p. 03

<sup>124</sup> Arruda, E *et alli*: 13/06/2006: p. D1

<sup>125</sup> Calazans, F: 13/06/2006: p. 07

“Nada como a estréia chocha na Copa para arrefecer um pouco a euforia em torno da seleção, inflada pela mídia e pelo marketing”<sup>126</sup>, definiu o colunista da *Folha de S. Paulo* José Roberto Torero.

Os cronistas produziram críticas ferozes à atuação do Brasil, especialmente à de Ronaldo. Onze dias depois de escrever uma coluna em defesa do atacante, Renato Maurício Prado mudou de opinião. Em seu texto intitulado “Quem ainda acredita em Ronaldo?”, o jornalista fez a constatação óbvia. “Ronaldo vive, indiscutivelmente, um inferno astral”.<sup>127</sup> O colunista da *Folha* Juca Kfouri chegou a expressar piedade pelo outrora melhor jogador do mundo. “Deu dó de Ronaldo. (...) Porque foi torturante vê-lo como um peso-pesado cambaleante vagando pelo gramado, como se nada que tivesse acontecendo em volta fosse com ele”.<sup>128</sup> Para piorar a situação, o craque foi internado num hospital alemão no dia seguinte ao jogo, alegando tonturas e dor-de-cabeça. Os exames, que nada detectaram, seriam feitos em sigilo, mas a imprensa descobriu e publicou a história com estardalhaço.

Depois de apenas uma partida, os mais pessimistas começaram a temer pelo pior. “Como são 30 dias de Copa, trouxe 40 camisas para a Alemanha. Se a seleção continuar jogando deste jeito, metade delas voltará limpinha para casa”.<sup>129</sup>

Mesmo após o desempenho ruim da primeira partida, podia-se perceber a esperança que a imprensa depositava na seleção brasileira. Bom exemplo é a coluna do experiente Clóvis Rossi.

Vim para ver a concretização de todos os papos de botequim, no Brasil ou na Alemanha, na Croácia ou no Togo: a melhor seleção brasileira de todos os tempos ou, ao menos, algo muito semelhante aos times de 1958 e 1970, sem dúvida os melhores do rico repertório brasileiro.

Não vi nem sombra.<sup>130</sup>

Em 18 de junho, o Brasil entrou em campo pela segunda vez na Copa do Mundo, desta vez em Munique, para enfrentar a Austrália, que participava de seu primeiro Mundial. Apesar da decepção contra a Croácia, os cronistas esperavam fácil vitória brasileira. Mas a história do primeiro jogo se repetiu: com futebol sem brilho algum, o Brasil derrotou os australianos por 2 a

<sup>126</sup> Torero, JR: 15/06/2006: p. D7

<sup>127</sup> Prado, RM: 15/06/2006, p. 5

<sup>128</sup> Kfouri, J: 14/06/2006, p. D5

<sup>129</sup> Torero, JR: 14/06/2006: p. D7

<sup>130</sup> Rossi, C: 14/06/2006, p. D14

0, gols de Adriano e do reserva Fred. “Mais um jogo do Brasil, mais 90 minutos de angústia, porque o time não acertou”<sup>131</sup>, escreveu Fernando Calazans em *O Globo*.

### 7.3. A pressão por mudanças e a escalação do “time da imprensa”

A crônica brasileira não suportou as duas atuações burocráticas da seleção. Antes elogiado por sua tranquilidade, Carlos Alberto Parreira passou a ser visto como apático. Sem cerimônia alguma, os jornalistas que exaltavam o talento da equipe subitamente começaram a exigir mudanças no time. “A vitória de 2 a 0 sobre o medíocre time da Austrália não teve o menor brilho, a menor graça. Culpa única e exclusiva do técnico Carlos Alberto Parreira, que insiste em manter no time um Ronaldo insosso, sem mobilidade e que atrapalha mais do que ajuda”, escreveu Gilmar Ferreira, editor de esportes do jornal carioca *Extra*.<sup>132</sup>

A maioria dos cronistas pedia a entrada de dois atletas na equipe titular: o meio-campista Juninho Pernambucano e o insinuante atacante Robinho. A opinião geral era a de que esses jogadores dariam à seleção a movimentação de que ela necessitava. Houve colunas de exaltação a esses jogadores, nas quais os titulares sequer eram citados. Márcio Guedes, de *O Dia*, escreveu diversas vezes sobre sua admiração por Juninho.

Ninguém pode apostar no que acontecerá no dia em que Juninho entrar de saída, com a formação titular, em jogo decisivo, mas uma coisa é certa: a ligação meio-campo-ataque sairá mais rápida, objetiva e, se na frente houver gente veloz, a seleção ganhará muito. Juninho tem tudo para brilhar.<sup>133</sup>

Acuado, Parreira decidiu fazer mistério e não divulgou a escalação da equipe na véspera do jogo contra o Japão, marcado para o Estádio da Westfália, em Dortmund, em 22 de junho. Os jornais do dia saíram sem saber quais jogadores seriam titulares. A poucas horas da partida, na manhã brasileira, um fato curioso: a *TV Globo* divulgou uma escalação na qual não aparecia Ronaldo. O frenesi tomou conta dos torcedores, e o restante da imprensa embarcou na informação. Quando a equipe foi divulgada, constatou-se que a Globo estava errada, no que ficou conhecido como uma das maiores falhas da imprensa durante a Copa.

<sup>131</sup> Calazans, F: 19/06/2006: p. 07

<sup>132</sup> Ferreira, G: 19/06/2006: p. 04

<sup>133</sup> Guedes, M: 21/06/2006: p. 16

Para calar a boca dos críticos, Parreira ousou e escalou o “time da imprensa”: botou Juninho e Robinho para jogar e ainda se deu o luxo de sacar Cafu, Roberto Carlos e Emerson, os três criticados veteranos. Entre os contestados, apenas Ronaldo foi titular. Mas o Fenômeno não jogou bem e finalmente fez jus ao apelido, com dois belos gols. No fim, o Brasil venceu por 4 a 1, com belíssima exibição, principalmente dos atletas que haviam começado a Copa na reserva. Juninho e Gilberto fizeram até um gol cada.

O bom futebol mostrado pela seleção levou os cronistas ao êxtase. Os editores de *O Globo* decidiram que, no dia seguinte à partida, Fernando Calazans não escreveria sua coluna, mas a crônica da partida, na capa do Caderno da Copa. E o jornalista rendeu homenagens à ótima partida da equipe brasileira.

Carlos Alberto Parreira escalou um dos times mais ofensivos de sua carreira e de sua vida, talvez o mais ofensivo, esse time apresentou um futebol esfuziante, irresistível, venceu o Japão por 4 a 1 e podia ter vencido por muito mais. (...) É esse o futebol brasileiro que o mundo todo admira.<sup>134</sup>

Também satisfeito com o futebol apresentado contra o Japão, Tostão pediu ousadia ao técnico da seleção para manter o time nas partidas seguintes: “Juninho, Robinho e Gilberto Silva merecem ser titulares, não somente por esse jogo, mas pelo que sabem jogar. Parreira, coragem”.<sup>135</sup> Já Márcio Guedes preferiu louvar a opção do treinador da seleção contra a equipe japonesa, sem pensar no futuro. “Parreira, com fala mansa e jeitão de professor justo, não cria barreiras nem se coloca acima de ninguém, como alguns colegas de seleções européias”.<sup>136</sup>

#### 7.4. O retorno à escalação inicial

A boa exibição contra o Japão criou um dilema para Parreira. Como escalar o time dali para frente? Tornou-se visível a evolução física da seleção no último jogo da primeira fase, então como voltar à equipe que se arrastara em campo nas duas partidas iniciais? Ainda assim, o treinador optou pela prudência, principalmente quando Robinho, um dos que haviam entrado contra o Japão, machucou-se e ficou constatado que ele não poderia jogar as oitavas-de-final, contra a surpreendente equipe de Gana, no dia 27. Fernando Calazans escreveu sobre isso em sua

<sup>134</sup> Calazans, F: 23/06/2006, p. 01

<sup>135</sup> Tostão, 21/06/2006: p. D3

<sup>136</sup> Guedes, M: 25/06/2006: p. 14

coluna. “Para mim, por exemplo, não há dilema algum. (...) O primeiro time era insosso, parado, estático, desprovido de criatividade, de alegria (...). O segundo foi impetuoso, incisivo, criativo, alegre, inquieto, ambicioso, decisivo”.<sup>137</sup>

A indefinição criada em torno do time foi resumida com brilhantismo e toque de humor por José Roberto Torero, antes da contusão de Robinho.

Se nosso técnico for realmente corajoso, entra com o mesmo time que começou a última partida. Se for um pouco cauteloso, mantém os Gilbertos e Cicinho como reservas. Se for muito cauteloso, só promove Robinho. E, se for cautelosíssimo, entra com o mesmo time que iniciou a Copa.<sup>138</sup>

O destino da seleção na Copa começaria a ser traçado ali, no primeiro jogo eliminatório da competição, ou seja, perdeu, volta para casa. Com perspicácia, Tostão escreveu que o futuro de Parreira também seria selado a partir do time que ele escalaria.

Se o Brasil for desclassificado em um dos próximos três jogos e o time atuar com a formação das duas primeiras partidas, já está decidido pela maioria que, independentemente das atuações dos jogadores, a culpa será de Parreira, que não teve coragem para barrar alguns antigos titulares, como Roberto Carlos, Cafu e Ronaldo.<sup>139</sup>

Carlos Alberto Parreira, então, confirmou seu histórico de técnico excessivamente prudente e escolheu a opção descrita por Torero como cautelosíssima. O Brasil enfrentou Gana com o mesmo time que iniciou a Copa, com a volta à equipe titular do pesado Adriano e dos veteranos Cafu, Roberto Carlos, Emerson e Zé Roberto. O resultado foi vitória brasileira por 3 a 0, que não convenceu à torcida e aos críticos. A equipe africana ficou com a bola durante a maior parte do jogo, criou perigo diversas vezes e só não ameaçou o triunfo brasileiro por causa da ingenuidade na defesa e nos chutes a gol.

Assim, os cronistas voltaram a criticar com firmeza a seleção. O sentimento dos jornalistas é resumido no título do texto publicado por Renato Maurício Prado no dia seguinte ao jogo: “Vitória sem brilho nem graça”.<sup>140</sup>

---

<sup>137</sup> Calazans, F: 24/06/2006, p. 04

<sup>138</sup> Torero, JR: 24/06/2006, p. D9

<sup>139</sup> Tostão, 26/06/2006, p. D3

<sup>140</sup> Prado, RM: 28/06/2006, p. 06

### 7.5. A expectativa pela França

A atuação apática contra a pouco tradicional equipe de Gana acendeu de vez o sinal de alerta na crônica esportiva, até porque o rival das quartas-de-final seria um velho carrasco brasileiro: a França, que derrotara a seleção nas Copas de 1986 e 1998 (nesta, na final). Do outro lado, estaria o autor de dois gols na decisão de oito anos antes: o filho de argelinos Zinedine Zidane, herói francês que disputava na Alemanha sua última competição como jogador profissional. O temor da eliminação prematura podia ser visto com clareza nos jornais brasileiros. “Se o Brasil não evoluir, correrá grandes riscos de perder para a França. Depois, não adianta lamentar o que não foi feito”<sup>141</sup>, escreveu Tostão, em linha parecida à adotada por Márcio Guedes: “Se o time repetir certos erros nos próximos jogos, dificilmente levará o caneco. (...) Contra a França, se Zidane estiver inspirado, Vieira, consistente, e Henry jogar um pouco de futebol, a coisa poderá se complicar”.<sup>142</sup>

Juca Kfourri preferiu lembrar a importância histórica do jogo, porque nova vitória francesa poria o Brasil na condição de “freguês” dos rivais, e expressou sua confiança numa atuação melhor da equipe de Parreira diante de um adversário de peso.

Sim, o futebol brasileiro costuma crescer quando enfrenta adversários que o desafiam, e maior desafio que devolver aqueles amargos 3 a 0 de Paris, em 1998, não pode existir agora. (...) Impossível não imaginar o quanto Ronaldo queira ampliar seu recorde histórico diante de Barthez. Fácil supor o desejo do capitão Cafu em impedir que o capitão Zidane continue a ser candidato a erguer outra vez a taça, ambos ante a possibilidade de se despedir de Copas. Todos protagonistas daquela decisão no Stade de France, assim como Roberto Carlos – e será demais sonhar, enfim, com uma boa apresentação do lateral-esquerdo? Por tudo isso é que a França é o rival ideal, por mais riscos que signifique.<sup>143</sup>

Apesar de todo o descontentamento com as exibições do Brasil, os cronistas ainda buscavam fio de esperança. O mesmo Tostão que previra dificuldades em 29 de junho disse, dois dias depois, que esperava bela atuação dos jogadores brasileiros, assim como dos franceses. “Os

---

<sup>141</sup> Tostão, 29/06/2006, p. D3

<sup>142</sup> Guedes, M: 29/06/2006: p. 12

<sup>143</sup> Kfourri, J: 29/06/2006: p. D5



craques costumam crescer nos jogos importantes. Como há craques dos dois lados, um pouco mais do Brasil, deve ser uma partida sensacional”.<sup>144</sup>

Na *Folha de S. Paulo*, José Roberto Torero publicou no dia do jogo crônica que mais tarde seria profética em relação ao que aconteceria no estádio de Frankfurt. “O Brasil precisa melhorar muito, como admite o próprio Parreira. Caso contrário, Zidane será consagrado como nosso maior carrasco e Ronaldo sairá de campo cabisbaixo, duas vezes derrotado”.<sup>145</sup>

## 7.6. A derrota, os culpados e o novo complexo

Horas antes da partida, em 1º de julho, a surpresa: Carlos Alberto Parreira decidiu promover duas das mudanças pedidas pelos cronistas: Gilberto Silva e Juninho começariam a partida, nas vagas de Emerson e Adriano, respectivamente. Mas nada disso foi suficiente para evitar que acontecesse aquilo que ninguém imaginava antes da Copa: a eliminação prematura do Brasil. Superior durante todo o jogo, a França venceu por 1 a 0, gol de Henry, após cruzamento de Zidane. Este teve atuação primorosa e confirmou sua fama de carrasco brasileiro.

O resultado atormentou a torcida e os cronistas brasileiros, que passaram a buscar explicações para o fracasso. O primeiro culpado foi apontado ainda durante a transmissão do jogo: no lance que resultou no gol francês, o lateral Roberto Carlos ficou parado na entrada da área, abaixado, ajeitando o meião, enquanto Henry tocava a bola para a rede. No dia seguinte, os jornais começaram a citar outros responsáveis pela derrota inesperada. Segue abaixo resumo do que escreveram alguns dos principais cronistas brasileiros em 2 de julho. Percebe-se com clareza os diferentes estilos dos jornalistas: enquanto uns mostram cautela, outros pedem a saída imediata dos possíveis culpados pelo fracasso.

Fernando Calazans, de *O Globo*:

Uma seleção dominada por medalhões em franca decadência que impuseram sua escalação como Cafu e Roberto Carlos, duas nulidades a Copa toda. E Parreira com eles. Com eles no time e com Cicinho e Gilberto no banco. Com Ronaldo e Adriano no time, mais duas nulidades, com atuações pírias na Copa, um Ronaldo e um Adriano canhestros – e com Robinho no banco.

Culpa dos jogadores? Não. Culpa de quem os preparou mal, escalou mal, esquematizou mal. (...)

Adeus, Copa.

<sup>144</sup> Tostão: 01/07/2006: p. D3

<sup>145</sup> Torero, JR: 01/07/2006: p. D9

Adeus, Parreira.<sup>146</sup>

Márcio Guedes, de *O Dia*:

O Brasil? Se fosse tudo aquilo que a mídia celebrou (*o mesmo jornalista escrevera, em 6 de junho, que a seleção brasileira “sobrava na turma”*), que os galácticos prometeram, se Ronaldinho e Kaká justificassem a fama ou Ronaldo fosse mais objetivo, o time poderia ter vencido a França.<sup>147</sup>

Tostão, da *Folha de S. Paulo*:

Sei que muitos leitores gostariam que eu escrevesse que os jogadores não se empenharam, pois estão ricos e famosos, que as estrelas são atletas enganadores, que os veteranos não conversavam com os novos, que a patrocinadora da seleção escala o time e outras coisas desse tipo. Estou também indignado, mas não posso criticar baseado em suposições.<sup>148</sup>

Luís Fernando Veríssimo, de *O Globo*:

Agora não é a hora para explicações. Parreira caiu, elegantemente, com suas convicções intactas. Por que as legendas brasileiras falharam e os candidatos a legenda não justificaram seu postulado são mistérios para elucidação futura. A hora é de honrar Zidane.<sup>149</sup>

Como era de se esperar, as reações à derrota brasileira não se encerraram no dia seguinte à eliminação. A hora era de caçar as bruxas, encontrar culpados pela derrota da seleção que chegou à Alemanha com pompas de uma das melhores da História. Para Juca Kfourri, a seleção de 2006 protagonizou o segundo maior fracasso de todas as Copas, menos vergonhoso apenas do que aquele protagonizado pelo time de 1966.<sup>150</sup>

Uma análise virou unanimidade: a equipe não deixaria saudade alguma. Um dos cronistas mais exaltados era Renato Maurício Prado, que escreveu crônicas com críticas pesadas, tais como: “Roberto Carlos, dizem, procurava a máscara no gramado, enquanto Thierry Henry marcava”<sup>151</sup>; “Quem entende minimamente de futebol sabe que Cafu nunca foi craque (...).

<sup>146</sup> Calazans, F: 02/07/2006: p. 04

<sup>147</sup> Guedes, M: 02/07/2006: p. 13

<sup>148</sup> Tostão: 02/07/2006: p. D3

<sup>149</sup> Veríssimo: LF: 02/07/2006: p. 09

<sup>150</sup> Kfourri, J: 04/07/2006: p. D5

<sup>151</sup> Prado, RM: 03/07/2006: p. 05

Triste capitão. Que já perdeu a hora de sair de cena com dignidade – e, em seu afã egoísta, não consegue perceber o óbvio. Seu tempo acabou. Faz tempo”<sup>152</sup>; “Rendido aos ‘cardeais’ do penta (Cafu, Roberto Carlos e Ronaldo), Parreira estragou o ‘quadrado mágico’ e paralisou o time inteiro, com a volta dos laterais-vovôs, ultrapassados e mascarados”.<sup>153</sup>

Trecho de crônica de Fernando Calazans mostra quem assumiu o papel de culpados pela derrota. “Como um técnico pode ser tão conservador a ponto de se render – ainda – a Cafu, a Roberto Carlos e a Ronaldo na forma em que se encontrava?”.<sup>154</sup>

Dois outros atletas entraram nesse rol de culpados: Ronaldinho Gaúcho e Adriano, principalmente após a revelação feita pelo repórter Sérgio Rangel, da *Folha de S. Paulo* – e já citada no capítulo três deste trabalho – de que os dois passaram o dia seguinte à derrota num churrasco e viraram a noite numa boate de Barcelona.<sup>155</sup> A matéria aumentou a revolta com os jogadores, considerados mercenários despreocupados com a derrota, enquanto a torcida sofria com o fracasso da seleção no Mundial.

Ronaldinho, que chegou à Copa com o objetivo de alcançar Pelé, deixou a Alemanha fracassado, atrás até de Zidane em qualquer lista dos melhores da História. Tostão, um dos maiores entusiastas do craque do Barcelona, viu-se forçado a rever seu conceito sobre o jogador. “A atuação de Ronaldinho foi tão abaixo do que se esperava que não posso mais colocá-lo, neste momento, entre os maiores da História, só abaixo de Pelé. Só depois que ele encerrar a sua carreira poderemos fazer uma análise correta”.<sup>156</sup>

Na década de 1950, Nelson Rodrigues criou e imortalizou a expressão “complexo de vira-latas”, designada para definir o medo de ganhar do jogador brasileiro (mais detalhes no capítulo quatro deste trabalho). Meio século depois, José Roberto Torero inventou novo conceito para explicar o time de 2006: o “complexo de poodles”.

Ficou famosa a frase de Nelson Rodrigues na qual ele diz que o brasileiro sofria do complexo de vira-latas. Pois alguns jogadores desta seleção sofrem de um complexo oposto: o complexo de poodles.

<sup>152</sup> Prado, RM: 04/07/2006: p. 05

<sup>153</sup> Prado, RM: 07/07/2006: p. 05

<sup>154</sup> Calazans, F: 04/07/2006: p. 04

<sup>155</sup> Rangel, S: 04/07/2006: p. D1

<sup>156</sup> Tostão: 08/07/2006: p. D3

Há excesso de badalação, publicidade e festa em cima deles. São jogadores mimados, que, como poodles, precisam de cabelos diferentes, perfumes importados e outros luxos.<sup>157</sup>

### **7.7. Os desdobramentos do fracasso**

A derrota na Copa de 2006 causou mudanças profundas na estrutura da seleção. Em 19 de julho, dezoito dias após a eliminação no Mundial, a Confederação Brasileira de Futebol confirmou a saída de Carlos Alberto Parreira do cargo de técnico da equipe – nada que tirasse o sono do treinador, que acertou contrato até 2010 com a seleção da África do Sul, para ganhar R\$ 540 mil mensais. Para substituir Parreira, a CBF escolheu Dunga, que nunca havia trabalhado como técnico, mas que conquistara a confiança da torcida em seus tempos de jogador e capitão da seleção. De estilo vibrante – bem diferente de seu pacato antecessor –, Dunga se tornara conhecido por gritar e por xingar os companheiros em campo. Segundo o presidente da CBF, Ricardo Teixeira, “a escolha de Dunga atinge em cheio o anseio dos torcedores brasileiros que querem na seleção um treinador vibrante”.<sup>158</sup>

As alterações não ficaram apenas no comando técnico. Entre os onze jogadores que foram titulares na derrota brasileira para a França, em 1º de julho, apenas dois – Juan e Kaká – começaram jogando na última partida da seleção em 2006, o amistoso contra a Suíça, em Basileia, em 15 de novembro. Em decisão polêmica, Dunga deixou Ronaldinho Gaúcho no banco de reservas. Com atuação burocrática, que lembrou os primeiros jogos da seleção na Copa, o Brasil derrotou os suíços por 2 a 1.

---

<sup>157</sup> Torero, JR: 03/07/2006: p. D6

<sup>158</sup> [www.cbfnews.com.br](http://www.cbfnews.com.br), acessado em 24/07/2006

## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se faz uma análise das crônicas esportivas do passado e do presente, torna-se claro que houve alterações radicais na estrutura dos textos. Nas redações, a editoria de esportes sempre foi vista como dona de um texto diferente, por causa da maior liberdade de que desfrutavam repórteres e cronistas. Após a pesquisa realizada para a produção deste trabalho, conclui-se que, se não houver uma mudança de rumo, o texto esportivo caminha a passos largos para tornar-se tão sisudo e hermético quanto o noticiário político ou econômico.

Apesar da complexidade do tema, não é difícil esboçar explicação para essas profundas mudanças na área esportiva. Elas coincidem com a implantação no Brasil dos manuais de redação que seguem o modelo norte-americano de jornalismo, cuja finalidade é produzir um texto que transmita objetividade ao leitor.

Dessa forma, as crônicas que apresentavam características destoantes do novo padrão foram deixadas de lado. Possível argumento contrário à linha desta monografia diz que não se vê textos esportivos apaixonados na atual imprensa porque isso só foi feito por alguns gênios, como os três analisados no capítulo quatro deste trabalho. Há diversos meios de rebater essa opinião. O primeiro e mais óbvio é recomendar simples pesquisa nos jornais das décadas de 1950 e 1960, nos quais os cronistas que interagiam com os receptores de forma emocional representavam a maioria da imprensa esportiva. Nesta monografia, há histórias de nomes como Leônidas da Silva, Geraldo Bretas e Sandro Moreyra que provam a existência de diversos outros jornalistas com textos apaixonados – às vezes até demais –, além de Nelson, Saldanha e Armando.

Outra maneira possível de mostrar que a “teoria dos gênios” está errada é analisar de forma bastante ampla os jornais atuais. Há dezenas de colunas esportivas espalhadas pela grande imprensa (e outras milhares fora dela) e não se lê em lugar algum crônicas que utilizem os argumentos *éticos* e *patéticos* para despertar emoções nos leitores, como visto no capítulo cinco. Assim, torna-se óbvio que não se trata de escassez de gênios, mas da linha editorial adotada pelos maiores jornais do país. Há um claro desencorajamento à publicação de textos que fujam do rígido e sisudo padrão dos manuais de redação.

Ao observar as tendências para o futuro da crônica esportiva, uma das mais plausíveis diz respeito a uma volta ao estilo anterior à introdução das técnicas de redação norte-americanas no Brasil. Esse retorno ao ponto original aconteceria por causa do avanço da Internet sobre os

leitores de jornais. Assim, num futuro próximo, mesmo o torcedor das classes mais baixas economicamente poderá inteirar-se de tudo o que acontece por meio do computador, tendo acesso inclusive a crônicas. Dessa forma, o que restará ao jornal? Investir em textos diferentes, surpreendentes, produzidos pelos melhores profissionais da área e que causem emoção no receptor naturalmente apaixonado pelo texto esportivo.

É importante acrescentar que essa crônica apaixonada deve ser adaptada aos novos tempos. Provocações aos clubes podem tornar-se perigosas para o jornalista, diante do acirramento da violência por parte de torcedores. Por isso, a palavra-chave é “responsabilidade”, qualidade ausente em muitos dos textos das décadas de 1950 e 1960. Para escrever de forma emocionante no terceiro milênio, o cronista necessita de cuidados que não existiam há cinquenta anos, o que torna o desafio ainda mais fascinante.

A única certeza é a de que as crônicas esportivas sofrerão novas mudanças num futuro breve. Daqui a vinte anos, o “novo” estilo de texto praticado hoje será rotulado como “antigo” por estudantes de Comunicação em seus trabalhos de final de curso.

## BIBLIOGRAFIA

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BARTHES, Roland. *Mitologias*. São Paulo: Difel, 1982.
- BENJAMIN, Walter. *O narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*, in: *Obras Escolhidas* (vol.1). São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CALAZANS, Fernando. *O nosso futebol*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.
- CANDIDO, Antonio (org.). *A crônica*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- CARDOSO, Tom e ROCKMANN, Roberto. *O Marechal da Vitória*. São Paulo: A Girafa Editora, 2005.
- CASTRO, Ruy. *O Anjo Pornográfico. A Vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Estrela solitária. Um brasileiro chamado Garrincha*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- COELHO, Paulo Vinicius. *Jornalismo esportivo*. São Paulo: Contexto, 2004.
- DAMATTA, Roberto. *A bola corre mais que os homens*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- DE SÁ, Jorge. *A crônica*. São Paulo, Ática, 1985.
- DOUGAN, Andy. *Futebol e guerra*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e à sombra*. Porto Alegre: L&PM, 2004.
- HELAL, Ronaldo. *Mídia, Ídolos e Heróis do Futebol*, in: *Revista Pesquisa de Campo*: Rio de Janeiro, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Passes e impasses: futebol e cultura de massa no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- \_\_\_\_\_. *et alli. A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- HORNBY, Nick. *Febre de bola*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- LAGE, Nilson. *Estrutura da notícia*. São Paulo: Ática, 2003.
- MARQUES, José Carlos. *O futebol em Nelson Rodrigues*. São Paulo: Educ/Fapesp, 2000.
- MELLO, Victor Andrade de. *Cidade sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará. FAPERJ, 2001.
- MILLIET, Raul (org.). *Vida que segue. João Saldanha e as Copas de 1966 e 1970*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

NOGUEIRA, Armando. *A ginga e o jogo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

NOVAES, Carlos Eduardo *et alli*. *Para gostar de ler: volume 7 – Crônicas*. São Paulo: Ática, 1995.

PINTO, Milton José. *Comunicação e discurso*. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1987.

RODRIGUES, Nelson. *À sombra das chuteiras imortais*. São Paulo: Companhia das Letras: 1993.

\_\_\_\_\_. *A pátria em chuteiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

SALDANHA, João. *Histórias do futebol*. Rio de Janeiro: Revan, 1997.

SANTOS, Nilton. *Minha bola, minha vida*. Rio de Janeiro: Gryphus, 1998.

### **Monografias:**

FERREIRA, Pablo Pires. *A evolução da história do futebol brasileiro e a crônica esportiva*. Trabalho de conclusão de curso de graduação, orientado por Muniz Sodré. Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

PINTO, Luís Felipe de Araújo Cid. *Crônicas esportivas: emoção a serviço do jornalismo*. Trabalho de conclusão de curso de graduação, orientado por Daniel Welman. Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

RIBEIRO, Pedro. *Jornalismo esportivo além do campo restrito*. Trabalho de conclusão de curso de graduação, orientado por Maurício Schleder. Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

### **Crônicas:**

ARRUDA, Eduardo. *Superfavorito, mas...*, in: Caderno Copa-2006 do jornal Folha de S. Paulo. São Paulo: 13 de junho de 2006, p. D1.

CALAZANS, Fernando. *O estilo e o verbo*, in: jornal O Globo. Rio de Janeiro: 12 de agosto de 2003, p. 32.

\_\_\_\_\_. *Parabéns ao Vasco*, in: Caderno de Esportes do jornal O Globo. Rio de Janeiro: 24 de abril de 2006, p. 02.



\_\_\_\_\_. *O dia esperado*, in: Caderno Copa-2006 do jornal O Globo. Rio de Janeiro: 13 de junho de 2006, p. 07.

\_\_\_\_\_. *Fim do sofrimento*, in: Caderno Copa-2006 do jornal O Globo. Rio de Janeiro: 19 de junho de 2006, p. 07.

\_\_\_\_\_. *O verdadeiro futebol*, in: Caderno Copa-2006 do jornal O Globo. Rio de Janeiro: 23 de junho de 2006, p. 01.

\_\_\_\_\_. *Qual é o dilema?*, in: Caderno Copa-2006 do jornal O Globo. Rio de Janeiro: 24 de junho de 2006, p. 04.

\_\_\_\_\_. *Pobre rodada*, in: Caderno Copa-2006 do jornal O Globo. Rio de Janeiro: 26 de junho de 2006, p. 04.

\_\_\_\_\_. *Parreira, adeus*, in: Caderno Copa-2006 do jornal O Globo. Rio de Janeiro: 02 de julho de 2006, p. 04.

\_\_\_\_\_. *Jogar sem medo*, in: Caderno Copa-2006 do jornal O Globo. Rio de Janeiro: 04 de julho de 2006, p. 04.

\_\_\_\_\_. *A tristeza do Brasil*, in: Caderno Copa-2006 do jornal O Globo. Rio de Janeiro: 06 de julho de 2006, p. 04.

\_\_\_\_\_. *O gol é um detalhe*, in: Caderno Copa-2006 do jornal O Globo. Rio de Janeiro: 08 de julho de 2006, p. 04.

\_\_\_\_\_. *Pelada histórica*, in: Caderno Copa-2006 do jornal O Globo. Rio de Janeiro: 10 de julho de 2006, p. 04.

\_\_\_\_\_. *Elogio ao São Paulo*, in: Caderno de Esportes do jornal O Globo. Rio de Janeiro: 20 de novembro de 2006, p. 02.

DAPIEVE, Arthur. *Lu*, in: Caderno Copa-2006 do jornal O Globo. Rio de Janeiro: 9 de junho de 2006, p. 09.

FERREIRA, Gilmar. *O medo de um mico fenomenal*, in: Caderno Jogo Extra do jornal Extra. Rio de Janeiro: 19 de junho de 2006, p. 04.

GUEDES, Márcio. *É melhor prevenir*, in: Caderno Ataque do jornal O Dia. Rio de Janeiro: 6 de junho de 2006, p. 14.

\_\_\_\_\_. *Parreira está mais flexível*, in: Caderno Ataque do jornal O Dia. Rio de Janeiro: 21 de junho de 2006, p. 16.

\_\_\_\_\_. *A difícil espera de Juninho*, in: Caderno Ataque do jornal O Dia. Rio de Janeiro: 25 de junho de 2006, p. 14.

\_\_\_\_\_. *Pausa para meditação*, in: Caderno Ataque do jornal O Dia. Rio de Janeiro: 29 de junho de 2006, p. 12.

\_\_\_\_\_. *Zidane, para todo o sempre*, in: Caderno Ataque do jornal O Dia. Rio de Janeiro: 02 de julho de 2006, p. 13.

KFOURI, Juca. *De volta à trincheira*, in: Caderno de Esportes do jornal Folha de S. Paulo. São Paulo: 26 de setembro de 2005, p. E6.

\_\_\_\_\_. *Dá nele, bola!*, in: Caderno Copa-2006 do jornal Folha de S. Paulo. São Paulo: 14 de junho de 2006, p. D5.

\_\_\_\_\_. *À moda alemã*, in: Caderno Copa-2006 do jornal Folha de S. Paulo. São Paulo: 21 de junho de 2006, p. D5.

\_\_\_\_\_. *França, francamente*, in: Caderno Copa-2006 do jornal Folha de S. Paulo. São Paulo: 29 de junho de 2006, p. D5.

\_\_\_\_\_. *É tua, Felipão!*, in: Caderno Copa-2006 do jornal Folha de S. Paulo. São Paulo: 02 de julho de 2006, p. D5.

\_\_\_\_\_. *Pior só em 1966*, in: Caderno Copa-2006 do jornal Folha de S. Paulo. São Paulo: 04 de julho de 2006, p. D5.

\_\_\_\_\_. *0 a 0 com cara de goleada*, in: Caderno de Esportes do jornal Folha de S. Paulo. São Paulo: 11 de setembro de 2006, p. E8.

\_\_\_\_\_. *Mineiro, o Decidequieto*, in: Caderno de Esportes do jornal Folha de S. Paulo. São Paulo: 13 de novembro de 2006, p. E6.

LEÃO, Mauro. *Novos rumos no Flu*, in: Caderno Ataque do jornal O Dia. Rio de Janeiro: 13 de abril de 2006, p. 03.

MELLO E SOUZA, Cláudio. *Os emissários divinos*, in: Revista da Copa do jornal Extra. Rio de Janeiro: 4 de junho de 2006, p. 34.

MARIA FILHO, Antonio. *Os bichos-papões*, in: Revista Copa-2006 do jornal O Globo. Rio de Janeiro: 3 de junho de 2006, p. 04.

\_\_\_\_\_. *A hora da estrela*, in: Caderno Copa-2006 do jornal O Globo. Rio de Janeiro: 13 de junho de 2006, p. 03.

NOGUEIRA, Armando. *Prazer em conhecê-lo, Edmundo*, in: Diário Lance!. Rio de Janeiro: 11 de outubro de 2006, p. 28.

PRADO, Renato Maurício. *Quando ganhar não é o bastante*, in: Caderno Copa-2006 do jornal O Globo. Rio de Janeiro: 4 de junho de 2006, p. 06.

\_\_\_\_\_. *Ainda sou mais o Fenômeno*, in: Caderno Copa-2006 do jornal O Globo. Rio de Janeiro: 9 de junho de 2006, p. 06.

\_\_\_\_\_. *Quem ainda acredita em Ronaldo?*, in: Caderno Copa-2006 do jornal O Globo. Rio de Janeiro: 15 de junho de 2006, p. 05.

\_\_\_\_\_. *Vitória sem brilho nem graça*, in: Caderno Copa-2006 do jornal O Globo. Rio de Janeiro: 28 de junho de 2006, p. 06.

\_\_\_\_\_. *Seleção de recordes. Negativos!*, in: Caderno Copa-2006 do jornal O Globo. Rio de Janeiro: 02 de julho de 2006, p. 06.

\_\_\_\_\_. *Um epitáfio pra seleção de Parreira*, in: Caderno Copa-2006 do jornal O Globo. Rio de Janeiro: 03 de julho de 2006, p. 05.

\_\_\_\_\_. *Triste capitão de si mesmo*, in: Caderno Copa-2006 do jornal O Globo. Rio de Janeiro: 04 de julho de 2006, p. 05.

\_\_\_\_\_. *Mantendo equipes vencedoras*, in: Caderno Copa-2006 do jornal O Globo. Rio de Janeiro: 07 de julho de 2006, p. 05.

RANGEL, Sérgio. *A vida como ela é*, in: Caderno Copa-2006 do jornal Folha de S. Paulo. São Paulo: 04 de julho de 2006, p. D1.

ROSSI, Clóvis. *Bateu ponto. E só*, in: Caderno Copa-2006 do jornal Folha de S. Paulo. São Paulo: 14 de junho de 2006, p. D14.

\_\_\_\_\_. *Os sem-alma*, in: Caderno Copa-2006 do jornal Folha de S. Paulo. São Paulo: 02 de julho de 2006, p. D14.

TORERO, José Roberto. *Lavagem cerebral*, in: Caderno Copa-2006 do jornal Folha de S. Paulo. São Paulo: 15 de junho de 2006, p. D7.

\_\_\_\_\_. *20 camisas inúteis*, in: Caderno Copa-2006 do jornal Folha de S. Paulo. São Paulo: 14 de junho de 2006, p. D7.

\_\_\_\_\_. *A escolha de Parreira*, in: Caderno Copa-2006 do jornal Folha de S. Paulo. São Paulo: 24 de junho de 2006, p. D9.

\_\_\_\_\_. *A hora da vingança!*, in: Caderno Copa-2006 do jornal Folha de S. Paulo. São Paulo: 01 de julho de 2006, p. D9.

\_\_\_\_\_. *Complexo de poodles*, in: Caderno Copa-2006 do jornal Folha de S. Paulo. São Paulo: 03 de julho de 2006, p. D6.

TOSTÃO. *Efeitos Globais*, in: Caderno Copa-2006 do jornal Folha de S. Paulo. São Paulo: 08 de junho de 2006, p. D3.

\_\_\_\_\_. *Fazer e pensar*, in: Caderno Copa-2006 do jornal Folha de S. Paulo. São Paulo: 12 de junho de 2006, p. D3.

\_\_\_\_\_. *Esperada estréia*, in: Caderno Copa-2006 do jornal Folha de S. Paulo. São Paulo: 13 de junho de 2006, p. D3.

\_\_\_\_\_. *Deu para o gasto*, in: Caderno Copa-2006 do jornal Folha de S. Paulo. São Paulo: 14 de junho de 2006, p. D3.

\_\_\_\_\_. *Parreira, coragem*, in: Caderno Copa-2006 do jornal Folha de S. Paulo. São Paulo: 21 de junho de 2006, p. D3.

\_\_\_\_\_. *Certezas e dúvidas*, in: Caderno Copa-2006 do jornal Folha de S. Paulo. São Paulo: 26 de junho de 2006, p. D3.

\_\_\_\_\_. *Está bom e ruim*, in: Caderno Copa-2006 do jornal Folha de S. Paulo. São Paulo: 29 de junho de 2006, p. D3.

\_\_\_\_\_. *Gênio da teimosia*, in: Caderno Copa-2006 do jornal Folha de S. Paulo. São Paulo: 30 de junho de 2006, p. D3.

\_\_\_\_\_. *Jogo de craques*, in: Caderno Copa-2006 do jornal Folha de S. Paulo. São Paulo: 01 de julho de 2006, p. D3.

\_\_\_\_\_. *Agora acabou*, in: Caderno Copa-2006 do jornal Folha de S. Paulo. São Paulo: 02 de julho de 2006, p. D3.

\_\_\_\_\_. *Fora de hora*, in: Caderno Copa-2006 do jornal Folha de S. Paulo. São Paulo: 08 de julho de 2006, p. D3.

\_\_\_\_\_. *Nada é fácil na vida*, in: Caderno de Esportes do jornal Folha de S. Paulo. São Paulo: 17 de setembro de 2006, p. E8.

\_\_\_\_\_. *Quase tudo na mesma*, in: Caderno de Esportes do jornal Folha de S. Paulo. São Paulo: 29 de outubro de 2006, p. E8.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. “*Pour la legende*”, in: Caderno Copa-2006 do jornal O Globo. Rio de Janeiro: 02 de julho de 2006, p. 09.

**Sítios na Internet:**

<http://www.cbfnews.com.br>, acessado em 27/10/2006.

<http://www.gazetaesportiva.net/idosol/futebol/tostao/reclusao.htm>, acessado em 14/11/2006.

<http://www.aol.com.br/revista/materias/2005/0077.adp>, acessado em 15/11/2006.

<http://conjur.estadao.com.br/static/text/24480.1>, acessado em 16/11/2006.

[http://www2.uerj.br/cte/download/luiz\\_mendes.pdf](http://www2.uerj.br/cte/download/luiz_mendes.pdf), acessado em 10/10/2006.

[http://blogdojuca.blog.uol.com.br/arch2006-09-03\\_2006-09-09.html](http://blogdojuca.blog.uol.com.br/arch2006-09-03_2006-09-09.html), acessado em 16/11/2006.

[www.geocities.com/paineldobasquete/melk.htm](http://www.geocities.com/paineldobasquete/melk.htm), acessado em 25/10/06.

[http://portalimprensa.uol.com.br/new\\_ultimasnoticias\\_data\\_view.asp?code=2702](http://portalimprensa.uol.com.br/new_ultimasnoticias_data_view.asp?code=2702), acessado em 25/10/06.